



Antologia de Ensaio

**Laboratório Colaborativo:
dinâmicas urbanas, património, artes**

IX – Seminário de investigação, ensino e difusão

Antologia de Ensaios

**LABORATORIO COLABORATIVO: Dinâmicas Urbanas, Património, Artes.
IX Seminário de Investigação, Ensino e Difusão**

Coordenação editorial

Paula André (DINÂMIA'CET-ISCTE /Iscte-Instituto Universitário de Lisboa)

Apoio técnico e difusão

Mariana Leite Braga (DINÂMIA'CET-ISCTE)

Edição

DINÂMIA'CET-ISCTE

Agosto de 2023

ISBN

978-989-781-810-3

Fotografia na capa

Cobogós em fachada de edifício na Superquadra Norte 306. Foto: Luiz Sarmento

Comissão Científica

Adriano Tomitão Canas (UFU/FAUED)
Ana Cristina Sousa (UP/FLUP/ CITCEM)
Ana Esteban Maluenda (UPM/ETSAM/DCA)
Ana Gabriela Godinho Lima (UPM/FAU)
Ana M. G. Albano Amora (UFRJ/LabLugares/PROARQ)
André Carneiro (CHAIA/UE; CECH/FLUC)
Bárbara Coutinho (UL/IST/ CiTUA)
Carolina Pescatori (GPHUC-PPGFAU-UnB/CNPq)
Clara Mosquera Pérez (HUM700/US)
Cláudia Costa Cabral (UFRGS)
Daniela Marzola Fialho (UFRGS/PROPUR)
Desidério Batista (UAlg, CHAIA)
Fabiana Andrade Bernardes Almeida (UFMG/IGC)
Fábio Vergara Cerqueira (UFPEl/FH)
João Alves da Cunha (UCP-CEHR)
João Branco Pedro (LNEC)
José Geraldo Simões Junior (UPM/FAU)
José Manuel Aladro Prieto (US)
Mafalda Sampayo (Iscte-IUL; ISTAR)
Maria Fernanda Derntl (GPHUC-PPGFAU-UnB/CNPq)
María Teresa Perez Cano (HUM700/US)
Miguel Reimão Costa (CEAACP/UAlg)
Nuno Lopes (U Coimbra)
Paula André (DINÂMIA'CET-ISCTE/Iscte- IUL)
Paula Ribeiro Lobo (IHA, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa)
Paulo Simões Rodrigues (CHAIA/UE)
Raimundo Bambó Naya (EINA/UNIZAR)
Ruth Verde Zein (UPM/FAU)
Sérgio Barreiros Proença (*formaurbis* LAB, CIAUD/FAUL)
Sergio García-Pérez (EINA/UNIZAR)
Sofia Aleixo (CHAIA/UE; CHAM/UNL)
Tatiana Sampaio Ferraz (UFU/FAUED)

Índice

p.1

Conhecimento, Memória e Interrogação sempre!

Paula André

p.2

Um laboratório no Beijódromo

Carolina Pescatori

Danilo Matoso Macedo

Maria Fernanda Derntl

Nadia Mendes de Moura

Pedro Paulo Palazzo

Vânia Raquel Teles Loureiro

p.3

Território, cultura e resistência: o Centro de Memória da Cultura Negra Graça do Aché em Uberlândia

Mariana Cortes Dutra

Adriano Tomitão Canas

Tatiana Sampaio Ferraz

p.19

O lazer e a produção da cidade: movimentos insurgentes em Belo Horizonte MG

Gabriel Victor Martins de Campos

Adriano Tomitão Canas

Fabiana Andrade Bernardes Almeida

p.36

A Teoria do Ator-Rede no estudo histórico da sede do Itamaraty

Claudio Comas Brandão

Ana M. G. Albano Amora

p.52

A praça como elemento da cidade da arquitetura moderna. Uma comparação entre os projetos de Niemeyer e Corbusier para a ONU (1947)

Anderson Dall'Alba

Cláudia Costa Cabral

p.66

Traçando cidades: a Diretoria de Terras e Colonização e os projetos urbanos para o norte do Estado do Rio Grande do Sul - Brasil

Clarissa Maroneze Garcia

Daniela Marzola Fialho

p.79

Água e território: planejamento e dinâmicas urbanas na Bacia Hidrográfica do Lago Paranoá, Brasília – década de 1970

Cátia dos Santos Conserva

Maria Fernanda Derntl

p.97

Santa Casa de Misericórdia de Fortaleza: aspectos históricos da instituição, de sua arquitetura e inserção contemporânea na cidade

Lívia Maria de Assis Moreira Siqueira

José Geraldo Simões Júnior

p.111

Uma tipologia de igrejas nos Açores. Uma particularidade de fachada na ilha de São Miguel e o estudo do seu sistema de proporção, nos séculos XVIII e XIX.

Maria Antónia Rocha Vieira

Mafalda Sampayo

João Alves da Cunha

p.132

Análisis histórico comparativo de la forma física y el uso social del espacio público de Zaragoza. Caso de estudio plaza Ariño y plaza Santa Cruz

Marta Miret Rodríguez

Sergio García-Pérez

Raimundo Bambó Naya

p.152

Do personagem ao coletivo: mudanças operativas na arquitetura contemporânea brasileira

Mario Guidoux Gonzaga

Cláudia Costa Cabral

p.169

Casa - Museu - Casa: quando a residência moderna se torna museu

Marta Cristina F. B. Guimarães

Ana M. G. Albano Amora

p.181

Novos modos de morar: arquitetura residencial paulista nos anos 1960

Décio Otoni de Almeida

Ruth Verde Zein

p.200

Quanto vale o patrimônio? Entre a valoração econômica e a valorização sociocultural – um estudo em Porto Alegre

José Daniel Craidy Simões

Daniela Marzola Fialho

p.212

Os tetos de caixotões em conventos franciscanos no Nordeste brasileiro

Rafael Ferreira Costa

Ana Cristina Sousa

Fábio Vergera Cerqueira

p.227

As noras e a irrigação tradicional na região ocidental de Al-Hoceïma, no Rife marroquino

Hugo Martins

Nuno Lopes

Miguel Reimão Costa

p.243

As termas da villa romana da Tourega: um sítio patrimonial em risco

Ana Figo

André Carneiro

Sofia Aleixo

p.256

O Modelo Panóptico: a evolução de um ideal e adaptações ao século XXI

Joana Robalo

Sofia Aleixo

p.275

Obra de Raúl Chorão Ramalho no arquipélago da Madeira: um património a conhecer

Vanessa Costa

Sofia Aleixo

p.289

O alojamento local e a reabilitação de edifícios habitacionais em Lisboa: exploração a partir de casos na Sétima Colina

Marta Vicente

Paula André

João Branco Pedro

p.312

Da Art Déco à evangelização: a conversão dos cinemas Império e Carioca

Gustavo Borges Corrêa

Paula Ribeiro Lobo

p.334

Evolución de la noción y patrimonialización del paisaje, de Europa a Andalucía

Ainhoa Maruri Arana

María Teresa Pérez Cano

p.346

Plazas de Toros: Cultura, Tradición y Contradicciones

Aura Liliana Romero Silva

Clara Mosquera Pérez

María Teresa Pérez Cano

p.362

O apagamento da Vila Amauri e a segregação planejada em Brasília

Átila Rezende Fialho

Carolina Pescatori

p.376

“Jamais os Gregos” Uma jornada pelo universo subjetivo de Francisco Brennand

(1927-2019)

Tiago Gouveia Mariano

Paulo Simões Rodrigues

p.387

O Desenho incontornável na prevalência do gosto italiano. Colecionismo, Circulação de imagens e Tradição Acadêmica em Portugal no séc. XVIII

Ana Cristina Machado

Paulo Simões Rodrigues

p.399

Espelho de virtudes: a narrativa do teto da igreja de São Bento (Bragança, Portugal)

Mara Raquel Rodrigues de Paula

Ana Cristina Sousa

p.416

Arquitetas e Arquiteturas em panoramas latino-Americanos: uma análise através do conteúdo projetual

Mariana Alves Barbosa

Ana Gabriela Godinho Lima

p.432

Elementos Historiográficos Estruturantes. O sujeito que posiciona e os balizadores numéricos que movimentam sete narrativas da história da arquitetura

Taís de Carvalho Ossani

Ruth Verde Zein

Ana Esteban Maluenda

p.448

Contributo para o estudo dos sistemas de regadio históricos da Campina – Faro, Olhão e Loulé

Filipe Lacerda Neto

Desidério Batista

Miguel Reimão Costa

p.463

Tecnologias Digitais para Difusão e Preservação do Patrimônio Arquitetônico – A experiência modernista do CTA- Centro Tecnológico da Aeronáutica, em São José dos Campos, Brasil.

Fábio de Almeida

José Geraldo Simões Junior

p.476

Augusto Roquemont, 1804-1852. Os retratos de poder e o poder do retrato.

Ana Paula Bandeira Morais

Paulo Simões Rodrigues

p.487

Ínsula Cova do Vapor. Construir o limite e habitar a ilha.

Maria Inês Franco

Sérgio Barreiros Proença

p.515

E Depois da Metamorfose: O Tempo e a Durabilidade Cultural na Arquitectura.

Carolina Claro

Bárbara Coutinho

p.523

À descoberta do Espaço: Estudo do Espaço Arquitetónico a partir da Pintura de Vieira da Silva

Matilde Aleixo

Bárbara Coutinho

p.535

Notas Curriculares

Conhecimento, Memória e Interrogação sempre!

Erguemos a bandeira do filósofo Manuel Cruz (1951-) para defender que o conhecimento do passado deveria ser um direito e para lembrar que no ano em que celebramos os 100 anos da Exposição e Semana da Bauhaus de Weimar (1923-2023), pelo mundo, vários encontros pensam em conjunto o futuro da arquitectura, a coesão social, a sustentabilidade e o ambiente construído.

O 28º Congresso Mundial de Arquitectos, sob o lema *Sustainable Futures. Leave no one behind*, assume a arquitectura como ferramenta operativa para alcançar os 17 Objectivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU, lançando luz sobre o potencial da arquitectura para moldar sociedades melhores e contribuir para um futuro sustentável.

A 5ª edição da Bienal de Arquitectura de Chicago, intitulada *This is a Rehearsal*, potencia as questões ambientais, políticas e económicas, numa abordagem que agregue a arte, a arquitectura, a infraestrutura e a participação cívica, com o propósito de pensar o futuro da arquitectura e do design.

Reunindo a arquitectura da Asia Ocidental, da Asia Meridional e de África, a 2ª edição da Trienal de Arquitectura de Sharjah, tendo como tema *The Beauty of Impermanence: An Architecture of Adaptability*, explora as ligações entre a escassez, a criatividade, o desenho e o modo como os desafios do Sul Global criaram uma cultura de reutilização, reapropriação, inovação, colaboração e adaptação.

Numa sociedade que despreza os saberes que não produzem benefício económico, o filósofo Nuccio Ordine (1958-), defensor da necessidade de perseguir utopias para imaginar, pensar e alcançar um mundo melhor, alerta que uma sociedade desmemoriada, sem relação com o seu passado, é uma sociedade que não terá democracia, considerando que a memória é essencial para compreender o presente e prever o futuro.

Acreditando tal como o escritor Theodor Kallifatides (1938-) que a cultura é a única maneira de criar um verdadeiro entendimento entre os seres humanos, em conjunto vamos interrogar futuros possíveis!

Paula André

Um laboratório no Beijódromo

Em sua nona edição, o Seminário de investigação, ensino e difusão do Laboratório Colaborativo já se consolidou como evento internacional de apresentação e compartilhamento de pesquisas de pós-graduação realizadas no universo iberoamericano e mais além. O formato do evento privilegia os momentos de interlocução e debate, justamente os mais necessários para que as pesquisas em andamento sejam não só esclarecidas ou explicadas, mas também desafiadas por novas questões ou inusitadas interpretações. Face a esse propósito de ensinar produtivos diálogos, é oportuno que o evento se realize no Brasil, num momento em que o país busca reconstruir suas esferas de convivência coletiva e retomar investimentos nas áreas de Ciência e Educação.

O local do evento é também por si só significativo: o Memorial Darcy Ribeiro, onde estão o acervo e a biblioteca do multifacetado antropólogo, educador, escritor e pesquisador que idealizou a Universidade de Brasília. O Memorial é um edifício feito de peças metálicas prefabricadas e toma forma de uma casa indígena, numa síntese entre alta tecnologia e referência autóctone. Projetado em 1996 pelo arquiteto João Filgueiras Lima, o Lelé, e inaugurado em 2010, o Memorial Darcy Ribeiro está voltado para o Lago Paranoá, permitindo vislumbrar um dos mais importantes atributos da composição da cidade: seu horizonte amplo e aberto. Ao se inserir no parque arquitetônico da Universidade, a obra de Lelé agrega a esse espaço um lugar de encontros e interações, daí a divertida alcunha pela qual é conhecido: Beijódromo.

A organização desta edição do Seminário do Laboratório Colaborativo é parte de um esforço coletivo em prol das atividades de internacionalização do Programa de Pós-graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília. Nas últimas décadas, Brasil e Portugal foram parceiros de diversos encontros e iniciativas de colaboração científica, mas este Seminário é ímpar em seu formato e sua inserção temática. Esta edição almeja, enfim, ser uma contribuição para essa trajetória de construção e consolidação de redes de colaboração transnacionais, plurais e diversas.

Carolina Pescatori
Danilo Matoso Macedo
Maria Fernanda Derntl
Nadia Mendes de Moura
Pedro Paulo Palazzo
Vânia Raquel Teles Loureiro

O Modelo Panóptico: a evolução de um ideal e adaptações ao século XXI

Joana Robalo

Dep. Arquitectura – EArtes - Universidade de Évora
135611@alunos.uevora.pt

Sofia Aleixo

CHAIA/IHC-CEHCi/DArq - EArtes, Universidade de Évora
CHAM-SLHI, FCSH –Universidade Nova de Lisboa
saleixo@uevora.pt

Resumo: O tema de investigação apresentado do presente artigo emerge no âmbito da dissertação de mestrado em Arquitectura, atualmente em desenvolvimento, que tem como casos de estudo os atualmente designados Estabelecimentos Prisionais (EP). Estes edifícios contêm espaços desenhados para assegurar a privação de liberdade de um indivíduo, após este se ter demonstrado inadaptado para viver em sociedade, e têm demonstrado uma evolução constante de forma a tentarem responder aos problemas que foram surgindo. Neste artigo é estudado o desenvolvimento do modelo espacial de Jeremy Bentham (1791), o Panóptico, o contexto sócio-económico que motivou o seu surgimento, o ideal de vigilância defendido e as suas aplicações. Procura-se ainda compreender quais as principais causas da “utopia do modelo espacial Panóptico” como Foucault o designava. Apesar de nunca ter sido construído, este modelo teve uma grande influência no princípio da vigilância central, que viria a resultar em edifícios com base no ideal. Analisa-se ainda a abordagem do filósofo Michael Foucault à ideia defendida por Jeremy Bentham, para concluir sobre o Panóptico como uma “máquina de poder”. Por fim, aborda-se a influência que o princípio de inspeção do Panóptico teve e continua a ter no século XXI, de que forma é aplicado e utilizado no nosso dia-a-dia.

Palavras-chave: Panóptico, Controlo, Vigilância, Arquitectura Totalitarista, Utopia

Introdução

Este artigo parte da pesquisa realizada no âmbito da dissertação de Mestrado Integrado em arquitetura “As Prisões em Portugal: projetar no século XXI” que aborda a evolução que uma tipologia de edifícios concebidos para a privação de liberdade, atualmente designados por Estabelecimentos Prisionais (EP) registou até à atualidade, e os principais problemas que encontrou no século XXI.

Segundo Roig, a evolução da arquitetura ocorre com o desenvolvimento de “formas pré-existentes” através da reprodução de exemplos integrados na comunidade. O tipo consiste nos critérios e características gerais que tornam os elementos alusivos a “uma mesma classe ou gênero” e a representam a sua ideia geral¹. Quatremere De Quincy², afirma que há uma diferença entre tipo e modelo apesar de serem comumente utilizados como sinónimos. Enquanto o tipo representa a ideia geral a partir da qual podem resultar obras diferentes, o modelo representa a imagem que deve ser copiada exatamente igual³.

A presente comunicação inicialmente apresenta a evolução histórica da arquitetura prisional e o contexto sócio-económico onde foi desenvolvido o modelo Panóptico de Jeremy Bentham, no século XVIII. Apresenta-se o desenvolvimento que Bentham realizou nas décadas seguintes, e os principais problemas com que deparou na época.

Segue-se a evolução deste modelo espacial, que apesar de nunca ter sido construído teve uma influência na arquitetura prisional posterior à sua apresentação. No século XX, a análise do Panóptico é feita com base na perspectiva do filósofo Michel Foucault e no estudo que realizou do modelo de Bentham.

Por fim, aborda-se o Panóptico no século XXI e apresenta-se uma pequena reflexão dos EP com base tipológica de Panóptico existentes nos nossos dias, que seguem o princípio da vigilância total através de câmaras de vigilância distribuídas pelas cidades, pelo controlo dos movimentos bancários entre outras formas de vigiar.

Contexto Histórico Arquitetura Prisional

No século XVI, em Inglaterra foram edificadas as primeiras *Bridwell's*⁴ como resposta ao problema dos “vadios, mulheres levianas e, principalmente, os inúmeros mendigos que, por essa altura, cometiam nas estradas e cidades, toda a casta de exigências e tropelias.(...)”⁵ que originava um aumento da criminalidade e o receio da propagação de doenças⁶. Resultante dos bons resultados das *Bridwell's*, acaba por ser criada uma lei em Inglaterra que fundamentava a sua existência afirmando que eram “sanção para os vagabundos e o alívio para os pobres”⁷.

¹ RIVERA, Javier; ALVAREZ, Dario; MIGUEL, Julio; FRAILE, Eduardo; BUSTELO, Jose; ARNUNCIO, Juan; ROIG, Jose; LLERA, Ramon - **Arquitectura y Orden: Ensayos sobre Tipologías Arquitectónicas**. Valladolid: Universidad de Valladolid, 1988. p.10-11

² Antoine Chrysostome Quatremère de Quincy (1755-1849) foi um arqueólogo, filósofo e político francês e foi autor da *Encyclopédie Méthodique* entre outras obras.
https://francearchives.gouv.fr/fr/pages_histoire/40069 (Consultado a 28-06-2023)

³ QUINCY, Quatremere - **Encyclopédie Méthodique. Architecture - Tomo 3**. Paris: s.d., 1825. p. 544

⁴ *Bridwell's* a sua denominação tem origem em St. Brid's Well, local onde foram implementadas.

⁵ LIMA, Rodrigues - **Arquitectura Prisional**. Lisboa: Serviços Prisionais Portugueses, 1962. p.9

⁶ BRODIE, Allan; CROOM, Jane; DAVIES, James - **English Prisons: An Architectural History**. S. I.:English Heritage, 2002. p.16

⁷ BITENCOURT, Cezar - **Tratado do direito penal: Volume 1**. São Paulo: Saraiva Educação, 2020.

Na Europa em 1595 com o mesmo propósito surgem as *Zuchthausen*, apesar de diferirem no funcionamento e na arquitetura. A distribuição das celas e das salas de trabalho era feita em torno de um pátio central⁸ e terão sido os primeiros edifícios onde a “cela exterior” foi introduzida⁹. Em Itália, no ano de 1703 são desenhados pelo arquiteto Carlo Fontana¹⁰ dois edifícios anexos ao Hospital de S. Michel encomendados pelo Papa Clemente XI. Estes tinham a finalidade de acolher jovens em “perigo moral” e usufruíam de melhores condições de higiene¹¹. A nível de distribuição assemelhava-se às *Zuchthausen*¹², apenas cobriram o pátio de forma a que pudesse ser utilizado para os jovens trabalharem¹³.

A planta “radial” surge em Ghent, no final do século XVIII, com a Maison de Force mandada construir por Hippolytte Vilain¹⁴. Esta defendia a “melhoria pela educação e trabalho”, em que os prisioneiros à noite estavam isolados na sua cela mas durante o dia partilhavam o espaço das oficinas¹⁵.

As prisões, até ao final do século XVIII procuravam punir e encerrar os condenados até ao seu julgamento físico e possível execução¹⁶, uma vez que a prisão não era utilizada com frequência¹⁷ não havia preocupação com as condições higiénicas destes espaços¹⁸.

No século XVIII ocorreram alterações que resultaram num novo paradigma sócio-económico de onde derivou um aumento da pobreza e consequente aumento de delitos:

“(…) Metade do século XVIII foi assinalada por mudanças políticas, sociais e tecnológicas que marcaram grandemente a sociedade europeia actual. Foi o período em que ocorreram as duas revoluções - a Francesa e a Industrial - e a independência dos Estados Unidos da América. Tudo isto trouxe profundas alterações às estruturas sociais.

A imagem da Revolução Francesa e as guerras napoleónicas tiveram amplas repercussões a todos os níveis. A pobreza de uma população rural, despojada dos emparcelamentos, e a elevada taxa de crescimento urbanização, no final do século, foram fatores que causaram apreensão. O medo manifestou-se nas forças políticas, educacionais, literárias e arquitectónicas.”¹⁹

⁸ LIMA, Rodrigues - **Arquitectura Prisional**. Lisboa: Serviços Prisionais Portugueses, 1962. p.9-10

⁹ BRODIE, Allan; CROOM, Jane; DAVIES, James - **English Prisons: An Architectural History**. S. I.:English Heritage, 2002. p.34

¹⁰ Carlo Fontana (1638-1714) foi um arquiteto Italiano conhecido pela obras da Piazza di San Pietro e da Cappella Cibo, Santa Maria del Pòpolo. Trabalhou em conjunto com o arquiteto Gian Lorenzo Bernini (1662–79).

<https://www.oxfordreference.com/display/10.1093/oi/authority.20110803095826861;jsessionid=3D5D69F697FF39E03808E5023154C> (Consultado a 21-06-2023)

¹¹ LIMA, Rodrigues - **Arquitectura Prisional**. Lisboa: Serviços Prisionais Portugueses, 1962. p.10-12

¹² PEVSNER, Nikolaus - **A History of Building Types**. Londres: Thames and Huston Ltd , 1976. p.161

¹³ LIMA, Rodrigues - **Arquitectura Prisional**. Lisboa: Serviços Prisionais Portugueses, 1962. p.11

¹⁴ LIMA, Rodrigues - **Arquitectura Prisional**. Lisboa: Serviços Prisionais Portugueses, 1962. p.12-13

¹⁵ PEVSNER, Nikolaus - **A History of Building Types**. Londres: Thames and Huston Ltd , 1976. p.161

¹⁶ LIMA, Rodrigues - **Arquitectura Prisional**. Lisboa: Serviços Prisionais Portugueses, 1962. p. 9

¹⁷ BRODIE, Allan; CROOM, Jane; DAVIES, James - **English Prisons: An Architectural History**. S. I.:English Heritage, 2002. p.11

¹⁸ ADRIANO, Paulo - **O património prisional português: um roteiro arquitetónico bicentenário**.

Sombras e Luzes, 3 & 4, 2020. p.180

¹⁹ TRIGUEIROS, Conceição - **Panóptico: As Ordens de Vigilância**. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2011. p.21-22

Nesta altura também a Europa e os Estados Unidos começam a pensar na necessidade da criação de espaços para o cumprimento de penas de prisão²⁰, o tema das prisões era bastante discutido e estudado visto ser necessária uma resposta ao aumento da criminalidade e as manifestações relativas às punições físicas e públicas²¹.

John Howard (1726-1790), xerife em Bedfordshire, Inglaterra em 1773, fez uma série de viagens onde confirmou a falta de condições nos edifícios prisionais²². Do seu empenho resulta uma nova lei no parlamento inglês “que estabelecia e ordenava a imediata construção de casas penitenciárias (...)” bem como a introdução do “(...) sistema celular individual e o aproveitamento da mão de obra de todos os internados.(...)”²³ que priorizava a necessidade de aprimorar a qualidade das prisões²⁴. A primeira cadeia penitenciária projetada de acordo com esta lei, foi a de Vymondham, no Norfolk, e foi mandada erguer por Sir Thomas Beever²⁵ em 1785²⁶.

No ano de 1791, o filósofo Jeremy Bentham²⁷ divulga o *Panopticon*. Segundo Conceição Trigueiros, “*Pan* etimologicamente quer dizer “tudo” e *optícon* é o mesmo que “visível” (...)”²⁸ ou *The Inspection House* (Fig. 1) um modelo que tinha desenvolvido para ser aplicado numa penitenciária e representava “um novo conceito de arquitectura prisional”²⁹.

Apesar da ideia ter sido desenvolvida no ano de 1786, após Bentham se ter deparado com um jornal inglês onde constavam um anúncio de uma Casa de Correção³⁰ e recorda a viagem à Rússia que tinha feito para visitar o seu irmão Samuel (1757-1831) e de um projeto que Samuel tinha desenhado para uma oficina na propriedade onde trabalhava³¹.

²⁰ LIMA, Rodrigues - **A Arquitectura Prisional**. Lisboa: Serviços Prisionais Portugueses, 1962. p.14

²¹ BENTHAM, Jeremy - **O panóptico**: Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2000. p.135

²² BRODIE, Allan; CROOM, Jane; DAVIES, James - **English Prisons: An Architectural History**. S. I.:English Heritage, 2002. p.10

²³ LIMA, Rodrigues - **A Arquitectura Prisional**. Lisboa: Serviços Prisionais Portugueses, 1962. p.14

²⁴ BRODIE, Allan; CROOM, Jane; DAVIES, James - **English Prisons: An Architectural History**. S. I.:English Heritage, 2002. p.31

²⁵ Sir Thomas Beever (1726-1814) originário de Yorkshire mudou-se com os seus pais para Norfolk e tornou-se JP, justiça da paz de onde deriva a sua participação na reforma prisional. <https://bracon-ash-and-hethel-history.webnode.page/beevor/> (consultado a 20-06-2023).

²⁶ LIMA, Rodrigues - **A Arquitectura Prisional**. Lisboa: Serviços Prisionais Portugueses, 1962. p.14

²⁷ Jeremy Bentham (1748-1832) foi um juiz e filósofo inglês conhecido pelo desenvolvimento do modelo Panóptico e pelas suas ideias moralistas.

²⁸ TRIGUEIROS, Conceição - **Panóptico**: As Ordens de Vigilância. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2011. p.35

²⁹ TRIGUEIROS, Conceição - **Panóptico**: As Ordens de Vigilância. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2011. p.19

³⁰ BENTHAM, Jeremy - **O panóptico**: Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2000. p.19

³¹ BRODIE, Allan; CROOM, Jane; DAVIES, James - **English Prisons: An Architectural History**. S. I.:English Heritage, 2002. p.58

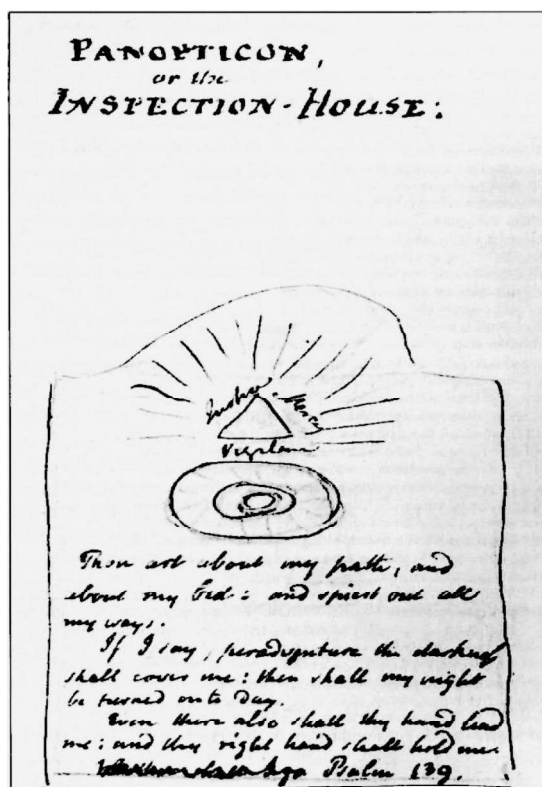


Figura 1 – “Esboço da primeira página do Panopticon”. (Obra original de Jeremy Bentham)
Disponível em: TRIGUEIROS, Conceição - **Panóptico**: As Ordens de Vigilância. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2011. p.31

Modelo Panóptico de Jeremy Bentham (1791): Ideal Defendido

O Modelo Panóptico de Jeremy Bentham baseava-se na ideia de “*ver sem ser visto*”³² e originou o princípio da inspeção que o filósofo defendia que podia ser empregue a qualquer tipologia de estabelecimento, se o objetivo fosse controlar os utentes:

“Não importa quão diferentes, ou até mesmo quão opostos, sejam os propósitos: seja o de *punir o incorrigível, encerrar o insano, reformar o viciado, confinar o suspeito, empregar o desocupado, manter o desassistido, curar o doente, instruir os que estejam dispostos* em qualquer ramo da indústria, ou *treinar a raça em ascensão* no caminho da educação, em uma palavra, seja ele aplicado aos propósitos das *prisões perpétuas* na câmara da morte, ou *prisões de confinamento* antes do julgamento, ou *casas penitenciárias*, ou *casas de correção*, ou *casas de trabalho*, ou *manufaturas*, ou *hospícios*, ou *hospitais*, ou *escolas*.”³³

A ideia de Bentham, era um modelo espacial (Fig.2) que consistia numa edificação com planta em forma de círculo composta por celas ao longo de toda a circunferência. Com uma torre de vigilância ao centro, designada por o “*alojamento do inspetor*” entre esta e a zona das celas havia um vazio denominado por “*área intermediária ou anelar*”. Através da janela colocada na parede exterior da cela seria feita a iluminação, e na parede oposta

³² BENTHAM, Jeremy - **O panóptico**: Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2000. p.28

³³ BENTHAM, Jeremy - **O panóptico**: Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2000. p.19-20

que dava para o interior do edificio havia uma grade com uma porta para facilitar o acesso à cela³⁴.

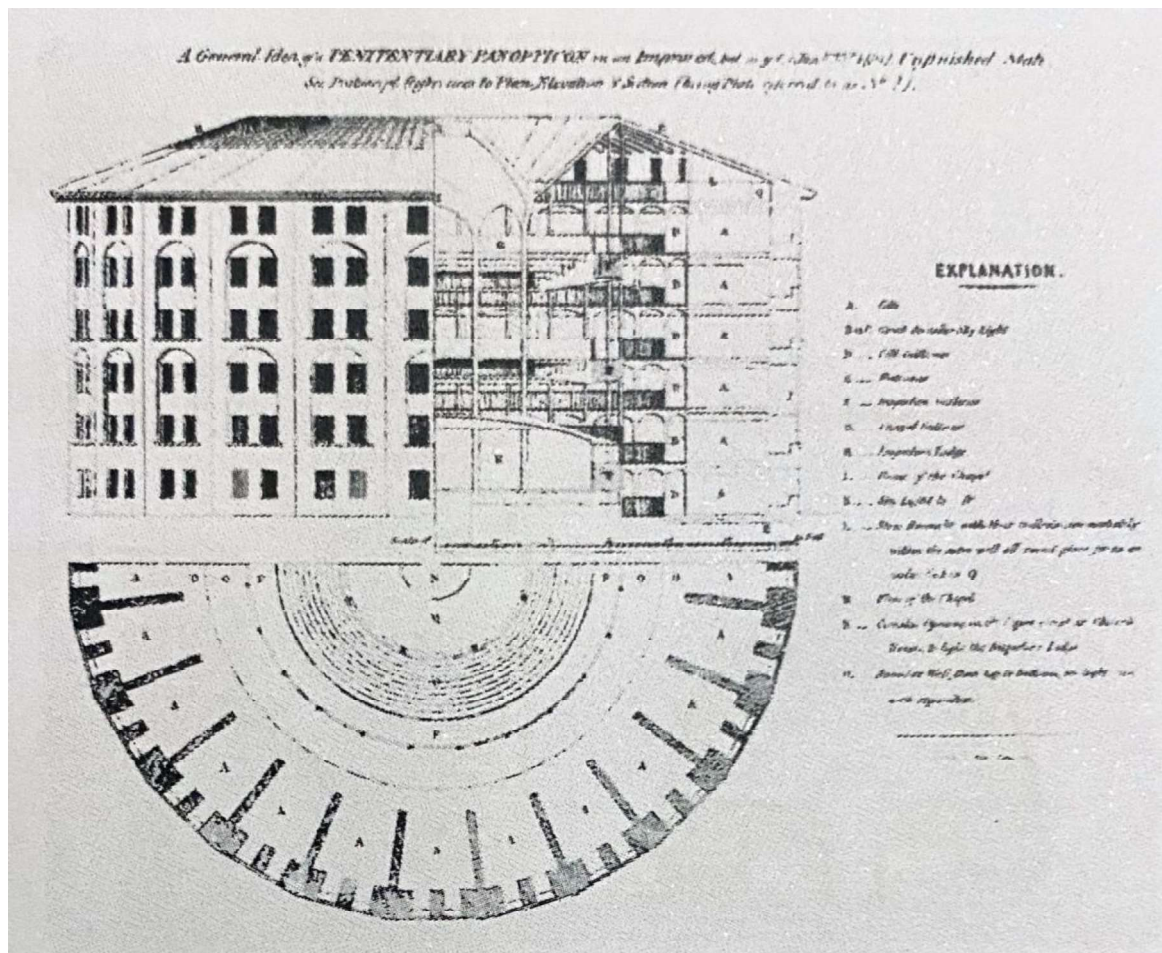


Figura 2—“Penitentiary Panopticon” de Jeremy Bentham.

Disponível em: PEVSNER, Nikolaus - A HISTORY OF BUILDING TYPES. Londres: Thames and Huston Ltd, 1976. p.163

Bentham continuou a aperfeiçoar o modelo, e em 1792 publicou o *Postscript I*, onde efetuou algumas mudanças ao ideal inicial (1791). As principais alterações foram o número de reclusos em cada cela e retirou a casa do governador da torre central:

“(…) he favoured holding up to four inmates in larger rooms. Initially he envisaged the governor living in the centre, but later he placed the house in a separate block beside the exterior of the prison. Originally inmates were to worship from their cells but in later versions a separate chapel was provided. Included in the design were elaborate systems of heating and ventilation tubes and he proposed providing conversation tubes for communication around the prison. He proposed that his prison would have a cast-iron structure.”³⁵

³⁴ BENTHAM, Jeremy - **O panóptico**: Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2000. p.20-21

³⁵ BRODIE, Allan; CROOM, Jane; DAVIES, James - **English Prisons: An Architectural History**. S. I.:English Heritage, 2002. p.58

Defendia que a planta circular era a mais favorável dado que a visão era facilitada, no entanto esta não era uma “circunstância absolutamente essencial”³⁶, chegando ainda a sugerir o octógono e a planta “semicircular”. Preferia a ideia do “multipanoptismo” à tipologia radial, ou seja quando fosse necessário seria preferível multiplicar os módulos e uni-los³⁷.

Um dos pontos fundamentais para o filósofo, era o bom comportamento que o modelo induzia nos presos (Fig.3) através da “*aparente omnipresença do inspetor*”:

“(…) arquitectura permitisse que os detidos pudessem ser vistos em qualquer momento, sem saberem se e quando estavam a ser espiados, e ficando, por isso, em qualquer acto que praticassem, constrangidos e condicionados, no seu comportamento, à sensação de que estavam sob vigilância 24 horas por dia.”³⁸

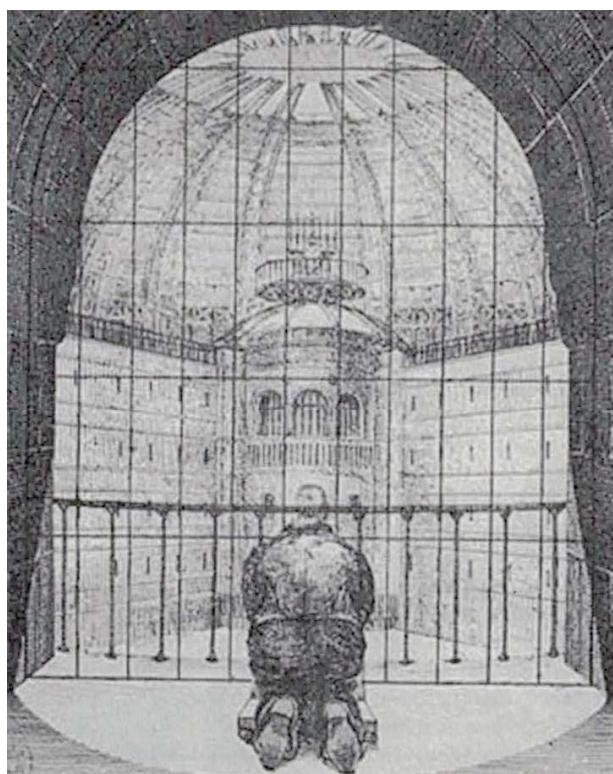


Figura 3— “Nicolas Philippe Harou-Romain, perspectiva de penitenciária panóptica.”
Disponível em: TRIGUEIROS, Conceição - Panóptico: As Ordens de Vigilância. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2011. P.78

Contudo frisava a relevância de que a observação real deveria acontecer na maior quantidade temporal possível. Relacionado com a observação, encontra-se a vantagem de que somente um inspetor por modelo, conseguiria manter a capacidade de uma boa inspeção. E ainda de conseguir dar a resposta à questão: “[quem guarda os próprios guardas]?” através da supervisão que o “inspetor-mor” conseguia fazer aos

³⁶ BENTHAM, Jeremy - **O panóptico**: Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2000. p.28-29

³⁷ PEVSNER, Nikolaus - **A History of Building Types**. Londres: Thames and Huston Ltd , 1976. p.163

³⁸ TRIGUEIROS, Conceição - **Panóptico: As Ordens de Vigilância**. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2011. p.11-12

“subinspetores”. Acrescia ainda a possibilidade de o povo efetuar visitas ocasionais que controlavam os superiores com o objetivo de aprimorar o comportamento de todos³⁹.

O modelo Panóptico retrata “um conceito funcional de espaço”⁴⁰ e reflete o início da arquitetura funcional:

“(…) O Panóptico de Bentham não foi só, nem sobretudo, o projeto de uma prisão. Foi também um primeiro exemplo, e bem claro, da arquitetura funcional. Uma arquitetura possível e necessária, em que o poder se escapa da mão do homem e se instala nas relações deste.(…)”⁴¹.

Influência na Arquitetura Prisional

Independentemente dos esforços de Bentham, o seu modelo espacial nunca foi edificado contudo desempenhou uma ampla influência na arquitetura prisional⁴². Inúmeros projetos erguidos entre os finais do século XIX e o século XX seguiram o modelo Panóptico na sua distribuição, como é o caso da prisão Stateville Joliet nos Estados Unidos(1919)⁴³ (Fig.4-6). Calcula-se que só entre 1801 e 1833 na Inglaterra e no País de Gales foram projetadas trinta e sete prisões a partir do modelo⁴⁴.

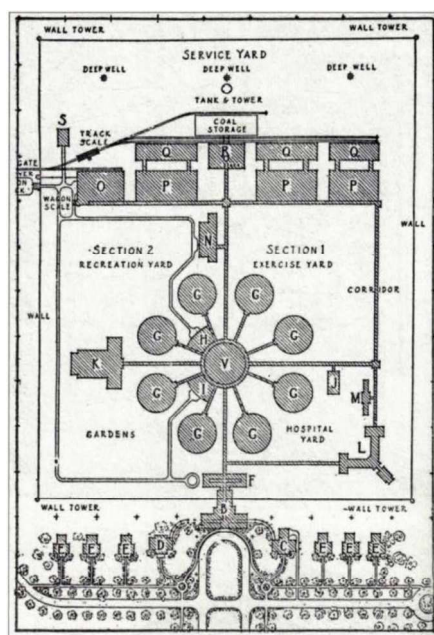


Figura 4– Prisão Joliet, Stateville (1919): Planta

Disponível em: TRIGUEIROS, Conceição - **Panóptico: As Ordens de Vigilância**. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2011. p.80

³⁹ BENTHAM, Jeremy - **O panóptico**: Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2000. p.29-32

⁴⁰ BRODIE, Allan; CROOM, Jane; DAVIES, James - **English Prisons: An Architectural History**. S. I.:English Heritage, 2002. p.157-158

⁴¹ TRIGUEIROS, Conceição - **Panóptico: As Ordens de Vigilância**. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2011. p.22

⁴² TRIGUEIROS, Conceição - **Panóptico: As Ordens de Vigilância**. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2011. p.19

⁴³ BENTHAM, Jeremy - **O panóptico**: Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2000. p.156

⁴⁴ PEVSNER, Nikolaus - **A History of Building Types**. Londres: Thames and Huston Ltd , 1976. p.164



Figura 5—Prisão Joliet, Stateville (1919): Vista Interior
Disponível em: TRIGUEIROS, Conceição - **Panóptico: As Ordens de Vigilância**. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2011. p.82

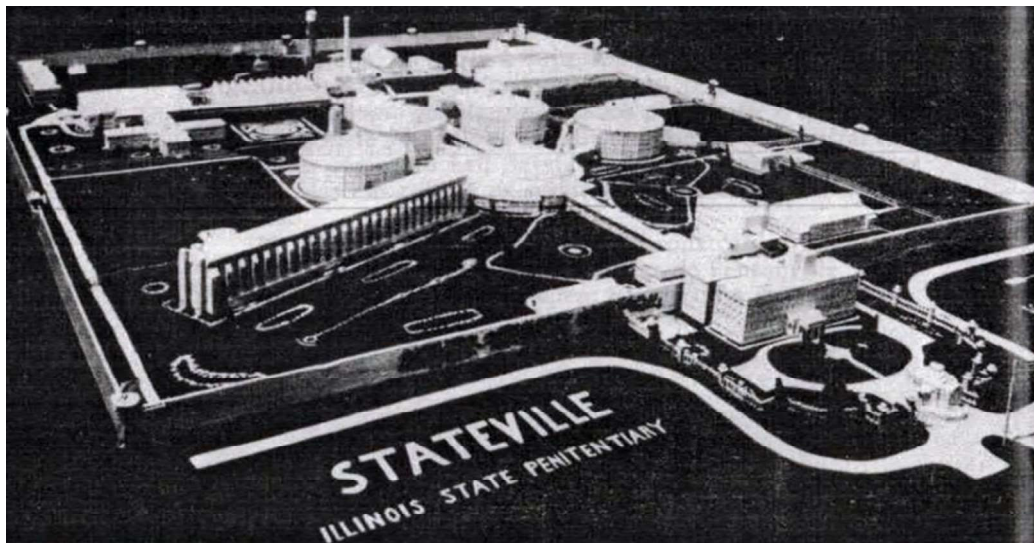


Figura 6 – Prisão Joliet, Stateville: Vista exterior (1919)
Disponível em: LIMA, Rodrigues - **A Arquitetura Prisional**. Lisboa: Serviços Prisionais Portugueses, 1962. p.18

Podemos constatar que o “princípio de vigilância central” alterou a forma como as prisões eram pensadas e consequentemente a arquitetura prisional⁴⁵.

A Utopia

Inicialmente o modelo instigou interesse, e ainda viu a possibilidade de ser edificado bem real no entanto acabou por ser substituído pela prisão de Millbank com conceitos que divergiam das ideias de Bentham⁴⁶.

Além do consistente apoio demonstrado à tipologia radial comparado com a escassa atenção para com o modelo de Bentham⁴⁷, a queda da Constituição e da Monarquia em França é igualmente considerada justificção para a não construção do modelo. “O Panóptico é, pois, uma vítima do 10 de agosto de 1792 e da queda do rei!”⁴⁸.

Também a fraca difusão da ideia na época, derivado da publicação tardia dos pormenores⁴⁹ e o ceticismo na altura quanto às “virtudes da vigilância central e do trabalho” em contraste com a ideia apoiada na época da “solidão e da punição” incentivaram a não utilização do modelo Panóptico. O conceito da “solidão e da punição” dos prisioneiros era criticado por Bentham⁵⁰.

Na altura, a tipologia radial tornou-se a tipologia padrão nos projetos prisionais sendo o mais importante a prisão de Millbank (Fig.7-8), este projeto de William Williams, foi construído entre 1813 e 1821⁵¹, após a publicação do relatório que definia as leis para as casas penitenciárias (1811) que atraiu atenções para esta tipologia de espaços⁵².



Figura 7– Prisão Millbank, Inglaterra. (1821)

Disponível em: PEVSNER, Nikolaus - **A HISTORY OF BUILDING TYPES**. Londres: Thames and Huston Ltd , 1976. p.165

⁴⁵ BENTHAM, Jeremy - **O panóptico**: Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2000. p.150

⁴⁶ BRODIE, Allan; CROOM, Jane; DAVIES, James - **English Prisons: An Architectural History**. S. I.:English Heritage, 2002. p.58

⁴⁷ PEVSNER, Nikolaus - **A History of Building Types**. Londres: Thames and Huston Ltd , 1976. p.163

⁴⁸ BENTHAM, Jeremy - **O panóptico**: Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2000. p.147

⁴⁹ BRODIE, Allan; CROOM, Jane; DAVIES, James - **English Prisons: An Architectural History**. S. I.:English Heritage, 2002. p.59

⁵⁰ BENTHAM, Jeremy - **O panóptico**: Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2000. p.149-150

⁵¹ PEVSNER, Nikolaus - **A History of Building Types**. Londres: Thames and Huston Ltd , 1976. p.164

⁵² BENTHAM, Jeremy - **O panóptico**: Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2000. p.149-150

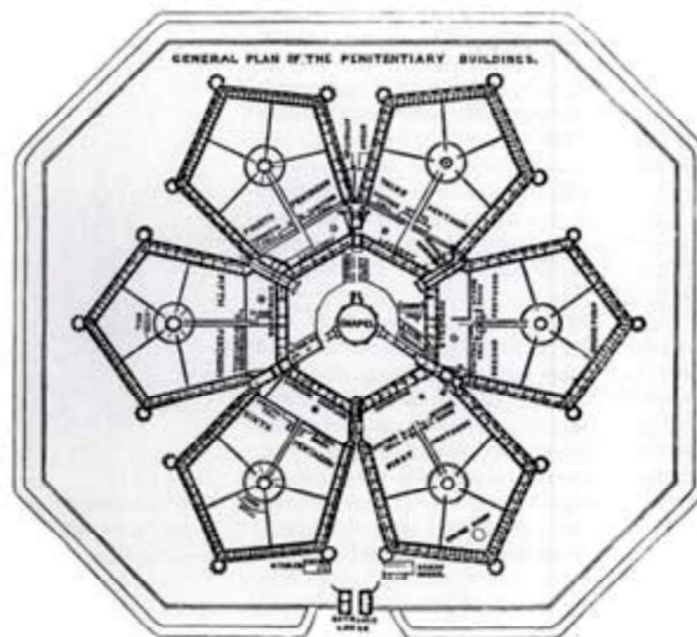


Figura 8– Prisão Millbank, Inglaterra (1821): Planta
 Disponível em: BRODIE, Allan; CROOM, Jane; DAVIES, James - **English Prisons: An Architectural History**. S. I.:English Heritage, 2002. p.60

Nos anos 1823 e 1824 estabeleceram-se dois novos “Acts of Parliament” de forma a gerar uniformização nas regras e funcionamento das prisões no Reino Unido. Também Howard tenta contribuir, e com o seu livro *The State of the Prisons* acaba por definir uma forma de distribuição dos presos, em especial a separação dos menores dos restantes, este método acabou por ser colocado em prática no fim do século XVIII e início do século XIX⁵³.

A maior parte projetos prisionais até o ano 1830, seguia o tipo radial, no entanto, houve projetos que seguiram um formato menos comum como as plantas “Quadrangulares”, as “Poligonais” e as “Curvas”⁵⁴. Nesta época os Estados Unidos da América (EUA) dominavam o tema da arquitetura prisional⁵⁵ e como os “Acts of Parliament” implementados em 1823 e 1824 não estavam a demonstrar os efeitos favoráveis e era necessário encontrar uma nova resposta para os problemas. Recorreram a dois sistemas dos EUA, ambas seguiam tipologias e ideias diferentes: enquanto Auburn (1819) predominou nos EUA e seguia o silêncio total apesar de espaços de trabalho comum durante o dia, e o modelo desenvolvido para a Filadélfia (1829) defendia a separação e foi o mais utilizado na Europa⁵⁶.

⁵³ BRODIE, Allan; CROOM, Jane; DAVIES, James - **English Prisons: An Architectural History**. S. I.:English Heritage, 2002. p.61-62

⁵⁴ BRODIE, Allan; CROOM, Jane; DAVIES, James - **English Prisons: An Architectural History**. S. I.:English Heritage, 2002. p.70-75

⁵⁵ PEVSNER, Nikolaus - **A History of Building Types**. Londres: Thames and Huston Ltd , 1976. p. 166

⁵⁶ BRODIE, Allan; CROOM, Jane; DAVIES, James - **English Prisons: An Architectural History**. S. I.:English Heritage, 2002. p.84-85

Em 1839, uma lei viria a autorizar o sistema separado, ainda que com algumas restrições⁵⁷. Mais tarde, na lei de 1865 este sistema viria a ser obrigatório⁵⁸. A prisão de Pentonville (1842) por Joshua Jebb⁵⁹ (Fig.9-10), foi construída com base neste sistema e viria a inspirar a construção de inúmeras prisões em Inglaterra e no resto da Europa durante o século XIX⁶⁰.

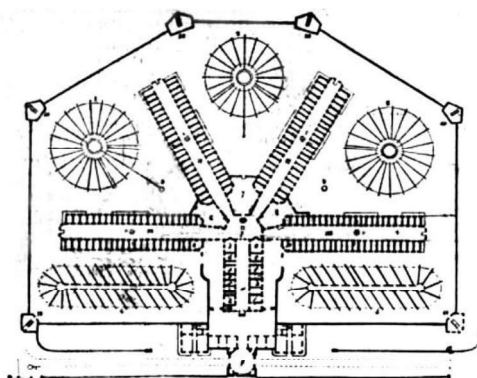


Figura 9— Prisão Pentonville, em Inglaterra (1842): Planta
Disponível em: BRODIE, Allan; CROOM, Jane; DAVIES, James - **English Prisons: An Architectural History**. S. I.:English Heritage, 2002. p.93



Figura 10— Prisão Pentonville, em Inglaterra (1842): Fotografia do interior
Disponível em: BRODIE, Allan; CROOM, Jane; DAVIES, James - **English Prisons: An Architectural History**. S. I.:English Heritage, 2002. p.94

⁵⁷ BRODIE, Allan; CROOM, Jane; DAVIES, James - **English Prisons: An Architectural History**. S. I.:English Heritage, 2002. p.90-92

⁵⁸ BRODIE, Allan; CROOM, Jane; DAVIES, James - **English Prisons: An Architectural History**. S. I.:English Heritage, 2002. p.119

⁵⁹ Joshua Jebb (1793-1863) foi um engenheiro designado para desenvolver um modelo de prisão com base no sistema de separação dos reclusos. Autor do livro *Notes on the Construction and Ventilation of Prisons* em 1844.

⁶⁰ BRODIE, Allan; CROOM, Jane; DAVIES, James - **English Prisons: An Architectural History**. S. I.:English Heritage, 2002. p.92-96

No ano de 1878, a tipologia radial a mais usada nas décadas anteriores, foi substituída pela tipologia de “poste telegráfico”, “telegraph-pole” utilizada pela primeira vez na prisão de Wormwood Scrubs (1891) por Edmund Du Cane⁶¹. (Fig.11) Lima defendeu que era uma tipologia mais lógica e a única que possibilitava a orientação das “celas em relação aos raios solares”⁶².

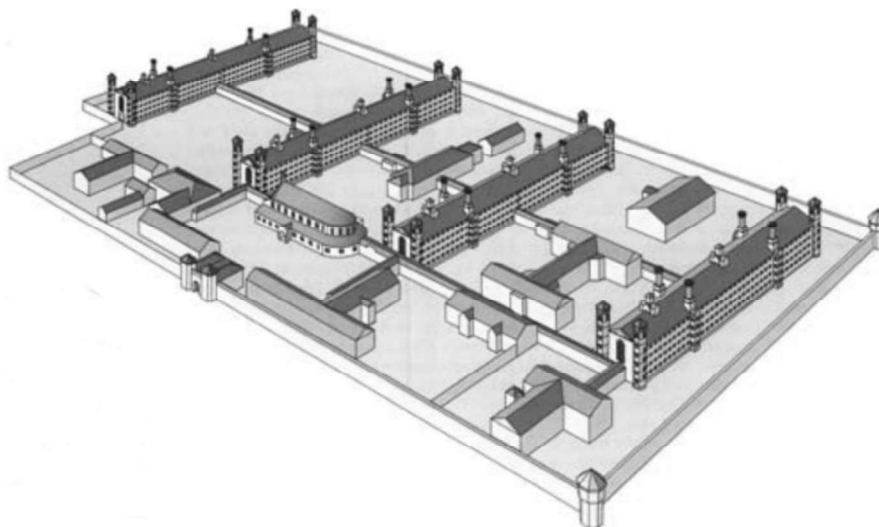


Figura 11 – Prisão Wormwood Scrubs, no Reino Unido (1891): Perspectiva aérea da tipologia “poste telegráfico”, Disponível em: BRODIE, Allan; CROOM, Jane; DAVIES, James - **English Prisons: An Architectural History**. S. I.:English Heritage, 2002. p.148

A população prisional diminuiu durante a I guerra mundial que levou o fecho de muitas prisões. No ano de 1922, são delineadas novas directrizes para serem aplicadas nas prisões como o silêncio ser abolido enquanto trabalhavam⁶³.

Com o início da II Guerra Mundial em 1939, todas as alterações previstas no sistema prisional foram adiadas. Contudo, em 1945 no fim da guerra pretendiam retomar as ideias suspensas mas o aumento da população prisional e a situação pós-guerra não possibilitaram novas construções⁶⁴.

Adaptação de Michel Foucault (1975): Ideia Defendida

No ano de 1975, Michel Foucault um filósofo francês interessado no poder e as variações deste, faz uma análise desde os suplícios corporais até às prisões do século XX e estuda o Panóptico de Bentham. Alegava que este não se baseava num sistema arquitectónico mas num programa de poder e igualava-o uma “máquina de poder”⁶⁵.

⁶¹ BRODIE, Allan; CROOM, Jane; DAVIES, James - **English Prisons: An Architectural History**. S. I.:English Heritage, 2002. p.147-148

⁶² LIMA, Rodrigues - **A Arquitectura Prisional**. Lisboa: Serviços Prisionais Portugueses, 1962. p. 27-28

⁶³ BRODIE, Allan; CROOM, Jane; DAVIES, James - **English Prisons: An Architectural History**. S. I.:English Heritage, 2002. p.172-173

⁶⁴ BRODIE, Allan; CROOM, Jane; DAVIES, James - **English Prisons: An Architectural History**. S. I.:English Heritage, 2002. p.177-181

⁶⁵ FOUCAULT, Michel - **Vigiar e Punir.Nascimento da Prisão**. Lisboa: Edições 70, 2013. ISBN 978-972-44-1809-4 (e-book)

Os suplícios que Foucault refere eram as punições e execuções públicas comuns no século XVII, e tinham como objetivo através dos espetáculos educar o povo. No entanto com algumas mudanças socio-económicas no fim do século XVIII início do século XIX ocorre “desaparecimento dos suplícios” e as punições e reabilitações dos presos realizam-se através da vigilância e o isolamento. As execuções continuavam a existir, mas agora com o uso da guilhotina evitando o prolongamento do sofrimento e as “mil mortes”. O filósofo define ainda o conceito de “corpos dóceis”, e que estes podiam ser transformados e melhorados através da disciplina⁶⁶.

Refere-se ao Panóptico de Bentham como “uma máquina maravilhosa que, a partir dos mais diferentes desejos, fabrica efeitos homogêneos de poder” e que o poder no modelo tem origem na ideia de “omnipresença” suscitada nos presos. O filósofo ainda compara as celas a “pequenos teatros” e afirma que “A visibilidade é uma armadilha.” Atribuí ao modelo um “carácter de laboratório” e que este se assemelha a um “laboratório do poder” e justifica com a possibilidade de efetuarem experiências e de se conseguirem testemunhar todas as modificações⁶⁷.

Quando compara as prisões antecipadamente usadas (Fig.12) com o modelo de Bentham caracteriza-o como “uma jaula cruel e engenhosa”⁶⁸.



Figura 12 – “The Man on the Rack” por Piranesi (1761): Ilustração de um *Carcere*. Disponível em: <https://artmuseum.princeton.edu/object-package/giovanni-battista-piranesi-imaginary-prisons/3640>

⁶⁶ FOUCAULT, Michel - **Vigiar e Punir.Nascimento da Prisão**. Lisboa: Edições 70, 2013. ISBN 978-972-44-1809-4 (e-book)

⁶⁷ BENTHAM, Jeremy - **O panóptico**: Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2000. p.196

⁶⁸ FOUCAULT, Michel - **Vigiar e Punir.Nascimento da Prisão**. Lisboa: Edições 70, 2013. ISBN 978-972-44-1809-4 (e-book)

Acredita que o modelo espacial provém “de um mecanismo de poder levado à sua forma ideal” e na possibilidade de este ser aplicado em tipologias com o intuito de “aperfeiçoar o exercício do poder”. Bentham, dizia ser possível o povo visitar como forma de vigilância e Foucault considera que:

“A máquina de ver era uma espécie de câmara escura de onde se espiavam os indivíduos; torna-se um edifício transparente, no qual o exercício do poder é controlável por toda a sociedade.”⁶⁹

Foucault defende “a idéia de que o Panóptico constituiu - ou ajudou a constituir- uma nova forma de poder no final do século XVIII”⁷⁰.

Evolução dos Modelos Panópticos: século XXI

O Panóptico de Bentham não foi edificado, mas a sua influência no controlo e na vigilância mantêm-se e nos nossos dias “o Panóptico de Bentham existe e a uma escala gigantesca.”⁷¹. Hoje em dia “as tecnologias electrónicas monitorizam as nossas vidas infinitamente”⁷² induzindo que no nosso dia-a-dia “é possível ver tudo, ouvir tudo, fiscalizar tudo.”⁷³.

Hoje em dia o propósito do Panóptico “não é apenas controlar o corpo, mas também a informação”, a ideia de Bentham amplificou-se para lá dos “limites das instituições fechadas” e “o princípio aparece sob a forma de câmeras colocadas nas ruas da cidade e o controle ficou mais difuso, mais invisível, mas sem abandonar o princípio desenvolvido por Bentham”⁷⁴. (Fig.13-14)

⁶⁹ FOUCAULT, Michel - **Vigiar e Punir.Nascimento da Prisão**. Lisboa: Edições 70, 2013. ISBN 978-972-44-1809-4 (e-book)

⁷⁰ BENTHAM, Jeremy - **O panóptico**: Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2000. p.174

⁷¹ TRIGUEIROS, Conceição - **Panóptico: As Ordens de Vigilância**. Casal de Cambra: Caleidoscópico, 2011. p.13

⁷² TRIGUEIROS, Conceição - **Panóptico: As Ordens de Vigilância**. Casal de Cambra: Caleidoscópico, 2011. p.19

⁷³ TRIGUEIROS, Conceição - **Panóptico: As Ordens de Vigilância**. Casal de Cambra: Caleidoscópico, 2011. p.12

⁷⁴ MENDES, Luiz - “**O Panóptico**” - **Visão Contemporânea**. Anápolis: Revista Jurídica. Nº7/8 (2013) 75–83.



Figura 13– Fotografia câmara de vigilância nas estações de metro em Paris. (2023)
Elaborado pela autora.



Figura 14 – Fotografia câmara de vigilância nas estações de metro em Paris. (2023)
Elaborado pela autora.

A tecnologia hoje em dia facilita a recolha de informações pessoais e permite que sejam armazenados registos de cartões bancários, de mensagens, chamadas e emails trocados. Por intermédio das câmaras dispostas nas ruas, nas estradas, no metro, lojas há a possibilidade de reconstituir o percurso diário de um indivíduo e cada um de nós é convertido a números e rastros⁷⁵. A evolução da tecnologia é favorável, no caso do Google Earth é uma ferramenta que facilita o nosso dia-a-dia mas se mudarmos o cenário apercebemo-nos que as nossas habitações estão ao dispor de qualquer utilizador da internet, incluindo os criminosos⁷⁶.

Esta recolha de informação ocorre em prol da segurança dos cidadãos e foi implementada depois dos ataques terroristas às Torres Gêmeas em 2001, intitulada de “medida de prevenção contra o terrorismo”⁷⁷.

Surge um novo conceito derivado do Panóptico de Bentham, o “Panóptico participativo” aplicável quando “os vigiados também vigiam”⁷⁸. Este conceito tem principal destaque com o aparecimento das redes sociais em que todos vigiamos mas também somos vigiados: “The participatory panopticon has turned us all into the prison guards and the inmates at the same time. It has blurred the lines between private and public, online and offline. It might well bring about the end of public misbehaviour.”⁷⁹. Tendo em conta esta ideia, em que “ao mesmo tempo em que o indivíduo observa as postagens do outro ele também está sendo observado”, o Facebook chega a ser designado “panóptico binário” e esta realidade irá promover autocensura e contribuindo para com um controle mundial do pensamento e da opinião.”⁸⁰.

Segundo Trigueiros, nas prisões atuais o modelo de Bentham é representado através do uso de câmaras de vigilância em circuito fechado, para aumentar o corntolo e a capacidade de vigilância⁸¹.

Considerações finais

A arquitetura prisional evolui desde espaços que apenas confinavam os presos até ao momento das punições e execuções físicas, até às prisões que com a alteração do paradigma sócio-económico surgem no século XVIII que encerram indivíduos para cumprir penas.

Momento em que surge o modelo Panóptico desenvolvido por Bentham numa tentativa de dar resposta aos problemas existentes no âmbito prisional. Época em que o tema das prisões era bastante debatido, uma vez que este modelo deixou de ser um projeto

⁷⁵ TRIGUEIROS, Conceição - **Panóptico: As Ordens de Vigilância**. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2011. p.19-20

⁷⁶ TRIGUEIROS, Conceição - **Panóptico: As Ordens de Vigilância**. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2011. p.11-13

⁷⁷ VALTER, Hugo - **O Novo Panóptico Russo: A Vigilância na Rússia do Século XVIII à Era Digital**. *Observatorio (OBS*)*. 8, N^o3 (2014) 131-147

⁷⁸ FANTECELLE, Gyllard. - **Modelo Panóptico e o Controle Social Na Sociedade Mdiatizada**. Águia: Revista Científica Da FENORD, (2016) p.139

⁷⁹ SCHAİK, Richard - **The participatory panopticon: Discipline through social media**. (2015).

⁸⁰ ALVES, Carlos; ARRUDA, Sérgio - **Facebook como panóptico moderno: como a vontade de controle emana do indivíduo**. 5 N^o1 (2016)

⁸¹ TRIGUEIROS, Conceição - **Panóptico: As Ordens de Vigilância**. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2011. p.48

arquitetônico para uma prisão evoluiu para um modelo espacial e o princípio de vigilância mantêm-se presente no século XXI. Quando o filósofo Michel Foucault estuda o Panóptico em 1975, afirmava que não era um modelo de arquitectónico mas uma “máquina de poder”⁸².

Apesar de representar uma utopia na época e nunca ter sido edificado, o ideal defendido pelo filósofo representou uma grande influência na arquitetura prisional, evoluiu e adaptou-se à “era da informação”. Tendo em conta que os inspetores foram substituídos pelas câmaras de vigilância distribuídas pelas cidades, e as celas pelas ruas ou rastos de comunicações o intuito de vigilância total mantêm-se e podemos concluir que “o Panóptico de Bentham existe e a uma escala gigantesca.”⁸³.

Atualmente a cidade, as redes sociais, os centros comerciais, o extrato dos movimentos bancários representam alguns dos Panópticos do século XXI. No caso das redes sociais ocorreu um desenvolvimento e surge o “Panóptico participativo” que além de sermos vigiados também vigiamos os outros⁸⁴.

Bibliografia

ADRIANO, Paulo - **O património prisional português: um roteiro arquitetónico bicentenário**. Sombras e Luzes, 3 & 4, 2020.

ALVES, Carlos; ARRUDA, Sérgio - **Facebook como panóptico moderno: como a vontade de controle emana do indivíduo**. 5 N^o1 (2016)
http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/anais_linguagem_tecnologia/article/viewFile/10485/9417 (consultado a 03-06-2023)

BENTHAM, Jeremy - **O panóptico**: Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2000.

BRODIE, Allan; CROOM, Jane; DAVIES, James - **English Prisons: An Architectural History**. S. I.:English Heritage, 2002.

FANTECELLE, Gyllard. - **Modelo Panóptico e o Controle Social Na Sociedade Midiatizada**. Águia: Revista Científica Da FENORD, (2016) p.139

FOUCAULT, Michel - **Vigiar e Punir.Nascimento da Prisão**. Lisboa: Edições 70, 2013. ISBN 978-972-44-1809-4 (e-book)

FREIRE, Vítor - **Pavilhão de Segurança do Hospital Miguel Bombarda: O mais Importante edifício de finais do século XIX, princípios do século XX, em Portugal**. Pedra & Cal. N^o46

LIMA, Rodrigues - **Arquitectura Prisional**. Lisboa: Serviços Prisionais Portugueses, 1962.

⁸² FOUCAULT, Michel - **Vigiar e Punir.Nascimento da Prisão**. Lisboa: Edições 70, 2013. ISBN 978-972-44-1809-4 (e-book)

⁸³ TRIGUEIROS, Conceição - **Panóptico: As Ordens de Vigilância**. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2011. p.13

⁸⁴ FANTECELLE, Gyllard. - **Modelo Panóptico e o Controle Social Na Sociedade Midiatizada**. Águia: Revista Científica Da FENORD, (2016) p.139

MENDES, Luiz - **“O Panóptico” - Visão Contemporânea**. Anápolis: Revista Jurídica. Nº7/8 (2013) 75–83.

<http://periodicos.unievangelica.edu.br/index.php/revistajuridica/article/view/584/583>
(consultado 20-06-2023)

PEVSNER, Nikolaus - **A History of Building Types**. Londres: Thames and Huston Ltd, 1976.

QUINCY, Quatremere - **Encyclopédie Méthodique. Architecture - Tomo 3**. Paris: s.d., 1825.

RIVERA, Javier; ALVAREZ, Dario; MIGUEL, Julio; FRAILE, Eduardo; BUSTELO, Jose; ARNUNCIO, Juan; ROIG, Jose; LLERA, Ramon - **Arquitectura y Orden: Ensayos sobre Tipologías Arquitectónicas**. Valladolid: Universidad de Valladolid, 1988.

SCHAIK, Richard - **The participatory panopticon: Discipline through social media**. (2015). <https://wpmu.mah.se/nmict151group2/> (consultado 20-06-2023)

TRIGUEIROS, Conceição - **Panóptico: As Ordens de Vigilância**. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2011.

VALTER, Hugo - **O Novo Panóptico Russo: A Vigilância na Rússia do Século XVIII à Era Digital**. *Observatorio (OBS*)*. 8, N^o3 (2014) 131-147
<https://doi.org/10.15847/obsobs832014703> (consultado 20-06-2023)

Notas Curriculares

Adriano Tomitão Canas, possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1996). Mestrado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (2005) e doutorado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (2010). Atualmente é professor associado III da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design da Universidade Federal de Uberlândia (FAUeD-UFU). Membro do corpo docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU-UFU). Atua na pesquisa e extensão com temas em Cultura e Território, e Arte e Arquitetura.

Ainhoa Maruti Arana, estudió el Grado en Fundamentos de la Arquitectura en la Universidad Politécnica de Madrid (2014-2019), y su último año, realizó una Beca de Colaboración del Ministerio en el mismo centro, en el Dpto. de Urbanística y Ordenación del Territorio. Posteriormente, finalizó a distancia el Máster of Arts, in Art History en la Universidad Internacional de Cambridge (2019-2021/Calificación: 10) y presencialmente, el Máster en Arquitectura y Patrimonio Histórico (2020-2021/Calificación TFM: 10MH) y el Máster en Urbanismo, Planeamiento y Diseño Urbano (2022-2023), ambos de la Universidad de Sevilla. En paralelo al primero, obtuvo una estancia de Investigación en el Instituto Andaluz de Patrimonio Histórico, y recientemente, a través del Proyecto PEARLS, ha realizado una estancia de investigación en Trento (Italia). En el año 2022 le fue concedida un contrato predoctoral PIF de la Universidad de Sevilla, donde está realizando el doctorado en arquitectura. Simultáneamente, es docente en la misma universidad en el Departamento de Urbanismo y Ordenación del Territorio, que compagina con la investigación y difusión de su trabajo. Domina el Inglés, nivel C2; el Euskera, nivel C1; el Francés, nivel B2; y el italiano, nivel A2. Ha colaborado de manera voluntaria y en coordinación con África Viva en dos proyectos de construcción para el hospital en Lunsar (Sierra Leona).

Ana Cristina Machado é conservadora-restauradora, pelo Instituto Politécnico de Tomar, com especialidade em documentos gráficos. Bolseira de investigação do programa de doutoramento HERITAS – Estudos do Património, Universidade de Évora, financiado pela FCT - Fundação para a Ciência e Tecnologia. Atualmente doutoranda no curso de História da Arte da referida universidade, colabora no âmbito do seu doutoramento, como investigadora não-doutorada dos Centros de Investigação CHAIA – Centro de Investigação da Arte e Investigação Artística, com o CITAR – Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes (UCP-Universidade Católica Portuguesa do Porto), com o INMA – Instituto de Nanociência e Materiais de Aragão (CSIC – Universidade de Saragoça) e com o LJF – Laboratório José de Figueiredo (DGPC – Direção Geral do Património Cultural).

Ana Cristina Sousa é Professora Associada da FLUP – DCTP, da área científica de História da Arte. Investigadora integrada do CITCEM /FLUP - grupo de trabalho "Património Material e Imaterial", sendo igualmente colaboradora da Unidade de Investigação GOVCOPP - Linha de Investigação Território, Desenvolvimento e Atratividade Turística, da Universidade de Aveiro. Licenciada em História - Variante Arte (1992), Mestre em História da Arte (1997), com a dissertação *Ourivesaria estampada e lavrada: uma técnica milenar numa oficina de Gondomar* e Doutora em História da Arte Portuguesa (2010) pela Faculdade de Letras do Porto, com uma tese subordinada ao estudo dos metais sacros nos séculos XV-XVI. A tese de doutoramento, intitulada *Tytolo*

da prata (...), do arame, estanho e ferro (...), latam cobre e cousas meudas... Objectos litúrgicos em Portugal (1478-1571), mereceu a atribuição do Prémio de Artes Decorativas Dr. Vasco Valente, na edição de 2016. Desenvolve investigação nas áreas de cultura visual e iconografia em particular, artes dos metais (técnicas e formas) e arte medieval e moderna. Leciona unidades curriculares no âmbito das temáticas de Iconografia, Arte da Época Moderna e Artes Decorativas e Aplicadas, nos 1º e 2º ciclos, orientando projetos de investigação nas mesmas áreas de conhecimento ao nível dos 2º e 3º ciclos. Tem integrado várias comissões organizadoras e científicas de conferências internacionais relacionadas com as Artes Decorativas, Imagem e Cultura Visual. Reúne, também, publicações no âmbito da informação turística.

Ana Esteban Maluenda, Arquiteta (1996) e Doutora (2008) em Teoria e História pela ETSAM na Universidade Politécnica de Madrid. É diretora e professora titular do Departamento de Composição Arquitetônica da Escola Técnica Superior de Arquitetura de Madrid na Universidade Politécnica de Madrid. Ganhou prêmio extraordinário de Teses Doutorais (2007-2008, UPM) e Menção Especial no XXII Prêmios em "Urbanismo, arquitetura e obra pública" por sua tese de doutorado. É autora e co-autora de vários artigos e livros, sendo alguns deles "La arquitectura moderna en Latinoamérica: antología de autores, obras y textos" (2016), "Rutas ibero-americanas: contactos e intercambios en la arquitectura del siglo XX" (2017), "La imagen publicada: Las revistas de arquitectura como archivo fotográfico" (2016), "ArchiteXt Mining: Taking advantage of Periodicals as an Architectural Data Base" (2018) e "Globalising Modern Architecture. Cultural Exchanges between continents" (2019).

Ana Figo, Mestranda no curso de Arqueologia e Ambiente pela Universidade de Évora. Licenciada em 2020 em História e Arqueologia, na vertente de História, pela Universidade de Évora. O seu estudo encontra-se direcionado para a época romana, mais precisamente para o estudo de *villae* como elemento patrimonial. Participa de forma voluntária anualmente em diversas escavações desde 2017, tendo a última campanha decorrido em agosto/setembro de 2022. Igualmente ativa em workshops, participou em diferentes iniciativas como de Paleografia (2018), *Arqueologia 3.0* (2019), Epigrafia Romana (2021), *A Arqueologia Romana e o século XXI* (2021), Zooarqueologia (2022), *Campus – Escola de Arqueologia em Santa Vitória do Ameixial, Registo e Informação em Arqueologia: Práticas de campo* (2022), etc. Desenvolveu, entre julho e setembro de 2021, um projeto OTL de Longa Duração promovido pelo Instituto Português do Desporto e Juventude denominado *Tourega ao Descoberto*, na área de intervenção sociocultural.

Ana Gabriela Godinho Lima, Arquiteta e urbanista formada pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (USP) em 1994. Mestrado em Estruturas Ambientais Urbanas na mesma instituição em 1999. Doutorado na Faculdade de Educação da USP em 2004. Em 2009, realizou pós-doutorado na Escola de Artes Criativas da Universidade de Hertfordshire, na Inglaterra. É professora adjunta na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, onde também é membro permanente do Programa de Pós-Graduação. Entre 2009 e 2016, foi pesquisadora visitante na Escola de Artes Criativas da Universidade de Hertfordshire. No período de 2011 a 2014, liderou o projeto de pesquisa intitulado "Feminino e Plural: Caminhos e Projetos de Arquitetos, Urbanistas e Designers", com o apoio da FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) e do Mackpesquisa (Fundo de Pesquisa Mackenzie). Atuou como editora da revista acadêmica "Boletín Académico,

Revista de Investigación y Arquitectura Contemporánea", publicada pela Escola Técnica Superior da Universidade de A Coruña, entre 2014 e 2019. Desde 2016, é editora temática da revista "Cadernos de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo", publicada pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, juntamente com Maria Isabel Villac e Maria Augusta Justi Pisani. Coordenou, em parceria com Rodrigo Mindlin Loeb, o projeto de pesquisa intitulado "Cidade, Gênero e Infância", no âmbito do Convênio de Cooperação Técnica assinado entre a Universidade Presbiteriana Mackenzie e o Instituto Brasileira, com financiamento da Fundação Bernard Van Leer dos Países Baixos. Co-organizadora do livro "Cidade, Gênero e Infância" (Ed. Romano Guerra, 2021), obtendo o prêmio do Instituto de Arquitetos do Brasil, departamento de São Paulo, em 2022. Autora de "Arquitetas e Arquiteturas na América Latina do Século XX"(Altamira Editorial, 2013) entre outros livros, capítulos de livros e artigos em revistas nacionais e internacionais.

Ana M. G. Albano Amora, Arquiteta e urbanista, doutorou-se em 2006 pelo Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano/IPPUR (UFRJ), e tem mestrado em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). É professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU/UFRJ), desde 2008, e do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura (PROARQ), da Universidade Federal do Rio de Janeiro. É pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Coordenou o Doutorado Interinstitucional com a Universidade Federal da Fronteira Sul. É membra fundadora da Rede Latino-americana de Pesquisadores em História da Arquitetura para a Saúde, coordenada pela Universidade Autônoma do México (UNAM). Participa do Docomomo, no qual foi secretária do Docomomo-Rio no período 2010/2012, e da Associação Ibero-americana de História Urbana. Foi professora do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) (1992/2007), onde integrou o corpo docente do Programa de Pós-Graduação História Urbanismo e Arquitetura da Cidade e dirigiu o Laboratório de Documentação e Acervo (LDA). Integrou também a equipe técnica do Projeto Corredor Cultural da Prefeitura do Rio de Janeiro, onde participou da elaboração do Manual do Corredor Cultural. Exerceu ainda o cargo de arquiteta na empresa (EMOP) e na Fundação Estadual de Engenharia do Meio Ambiente (FEEMA).

Ana Paula Bandeira Morais, investigadora em doutoramento em História da Arte, Departamento de História de Arte da Universidade de Évora (Portugal). Mestre em História da Arte Portuguesa, pela FLUP com a dissertação intitulada *Francisco António Silva Oeirense (1797-1868). O Pintor e o Poder* (2009), com a orientação do Prof. Dr. Agostinho Araújo. Licenciatura em Ciências Históricas (1980-1984). Professora de História do 2º e 3º ciclos, Ministério da Educação Portuguesa.

Anderson Dall'Alba, Arquiteto graduado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS, 2013), com período sanduíche na Universidade do Porto (FAUP, 2011-2012), em Portugal. Mestre em Teoria, História e Crítica de Arquitetura pelo Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura (PROPAR-UFRGS, 2017). Atualmente, é doutorando no mesmo programa (2017-). Membro do grupo de pesquisa Estudos de Arquitetura Moderna Latino-Americana desde 2015. É professor do Curso de Arquitetura e Urbanismo e do Curso de Design da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), onde atua nas áreas de Projeto de Arquitetura, Teoria e História da Arquitetura, Design de Produto e Cultura do Design. Tem experiência em Arquitetura e

Urbanismo, com ênfase em projeto, ensino e pesquisa sobre os desdobramentos da modernidade no Brasil e América Latina.

André Carneiro, é Professor Associado com Agregação no Departamento de História da Universidade de Évora. Licenciado em 1997, iniciou percurso profissional como Arqueólogo do Município de Fronteira entre 1999 e 2006, onde desenvolveu projetos de investigação sobre o povoamento antigo, quer no âmbito autárquico (*Carta Arqueológica do Concelho de Fronteira*, publicado em 2005), quer na análise da ocupação do território em época romana (*Povoamento romano no actual concelho de Fronteira*, de 2004). Docente do Departamento de História da Universidade de Évora desde 2006, completou o doutoramento em Arqueologia em 2011 com a tese *Povoamento rural no Alto Alentejo em época romana. Vectores estruturantes durante o Império e Antiguidade Tardia*, publicado como monografia em 2014, sobre as estruturas e redes de povoamento rural em época romana no território do Alto Alentejo. Dedicou ainda investigação ao tema da rede viária no Alentejo em época romana (*Itinerários romanos do Alentejo – uma releitura de “as grandes vias da Lusitânia – O itinerário de Antonino Pio de Mário Saa, cinquenta anos depois*, de 2008). Tem dedicado ainda investigação aos temas da Antiguidade Tardia (*Arqueologia da transição: entre o mundo romano e a Idade Média*) e da Socialização da Arqueologia, sendo responsável pelos workshops *Arqueologia 3.0* com Mónica Rolo (três edições realizadas em 2017 e 2018, sempre com actas publicadas). Responsável pelas escavações na *villa* romana da Horta da Torre (Fronteira) e pelo *Fronteira Landscape Project* em colaboração com Tesse Stek (Leiden University). Investigador integrado do CHAIA-UE e colaborador no CECH-FLUC.

Átila Rezende Fialho, graduado em Arquitetura e Urbanismo, teve variada experiência académica e vivência universitária ao longo dos últimos anos, seja participando de projetos do Escritório Modelo, o CASAS (Centro de Ação Social em Arquitetura Sustentável), sendo presidente do Centro Académico de Arquitetura e Urbanismo da UnB (CAFAU-UnB) durante os anos de Gestão Rodô (2017-2018), participando da organização da semana universitária de arquitetura e urbanismo de 2016, a semana ESCALA, atuando na FENEA (Federação Nacional dos Estudantes de Arquitetura), durante os anos de 2014 e 2015, assim como também fazendo parte do grupo de extensão "Periférico: Trabalhos Emergentes" entre 2018 e 2019. Como pesquisador, já participou de PIBIC e de Congressos como IX CBDU (Congresso Brasileiro de Direito Urbanístico), em 2017, e XVIII ENANPUR, em 2019. Durante o programa Ciências sem Fronteiras, fez um programa de graduação sanduíche na Universidade de Groningen, intitulado "Urban Planning, Design and Society" entre agosto de 2015 e junho de 2016. Tem interesse pelas áreas de planejamento urbano e regional, teoria e história crítica em urbanismo e bioconstrução, assim como para temas como direito à cidade e moradia, meio-ambiente, regularização fundiária, ocupações urbanas e rurais e movimentos sociais.

Aura Liliana Romero Silva es arquitecta, 1992, por la universidad Jorge Tadeo Lozano de Cartagena de Indias Colombia, TFG titulado “Manual para la elaboración de un estudio de manzana y estudio de Manzana No. 27 del Centro Histórico de Cartagena de Indias Colombia”. Máster, 2021, en Urbanismo Planeamiento y Diseño Urbano, desarrollando el TFM titulado “La ciudad de Cúcuta mira al Río Pamplonita”. Máster, 2022, en Arquitectura y Patrimonio Histórico, desarrollando el TFM titulado “Patrimonio Incomodo: La Muerte de las Estatuas” obteniendo la calificación de Matrícula de Honor. Estudiante Interno | 2021-2022 Departamento de Urbanística y Ordenación del Territorio ETSA Sevilla. Profesora ayudante de la Catedrática María Teresa Pérez Cano. En Octubre

del 2022 ingresa en el programa de Doctorado en Arquitectura en la EIDUS Escuela Internacional de Doctorados de la Universidad de Sevilla, desarrollando su tesis doctoral bajo el tema de Patrimonios Incomodos.

Bárbara Coutinho (Lisboa, 1971) Doutora em Arquitetura (IST-UL, 2019) com a tese “A Exposição de Arte e Design como ‘Obra de Arte Total’ - O Museu do século XXI, lugar para uma vivência estética global”. Licenciada em História da Arte (FCSH-UNL, 1993), com pós-graduação em Didática de História da Arte (FCSH-UNL, 1995) e Mestrado em História da Arte Contemporânea (FCSH-UNL, 2002) com a tese “Carlos Ramos (1897-1969). Obra, pensamento e ação - A busca de um compromisso entre a Modernidade e a Tradição”. Diretora-fundadora e programadora do *MUDE-Museu do Design e da Moda, Coleção Francisco Capelo* desde 2006, é autora do programa museológico e coautora do conceito arquitectónico do projeto de requalificação integral do edifício deste museu. Professora Convidada no Instituto Superior Técnico desde 2006, tem leccionado as disciplinas de Teoria e História da Arquitetura, tendo orientado quase 30 projetos de dissertação no programa de mestrado em arquitetura. Teve quatro vezes reconhecimento de excelência pedagógica pela leccionação da unidade curricular História da Cidade, Teoria de Arquitetura e História da Arquitetura Contemporânea, em 2013/2014, 2018/2019, 2020/2021 e 2021/2022. Co-chair do Docomomo International Specialist Committee (ISC) em Design de Interiores, Membro do Conselho Consultivo da BID - Bienal Iberoamericana de Diseño (2016-2023) e Fundadora da Associação Iberoamerica disena (2023). Divide o seu trabalho entre a investigação, o ensino, a curadoria e a escrita, tendo como principais áreas de interesse as intersecções entre a museologia, a arquitetura, a curadoria e o design expositivo. Particular atenção à compreensão de como as circunstâncias geográficas e políticas de Portugal, o património e as tradições têm influenciado a cultura material e o design. Entre as exposições que comissariou, destaque para “Como se pronuncia design em português?”, “Portugal Pop. A moda em português. 1970-2020” e “Tanto Mar. Fluxos transatlânticos entre Portugal e Brasil”.

Carolina Claro (Lisboa, 1997) Mestre em Arquitetura (IST-UL, 2022) com a tese “E Depois da Metamorfose - o Tempo e a Durabilidade Cultural na Arquitectura”. Presidente do Núcleo de Estudantes de Arquitectura do Instituto Superior Técnico (2017-18). Primeiro prémio do concurso Prémio Universidades Trienal de Lisboa Millennium BCP (IST, 2019), com o projecto “An Inverted Spectator” e do concurso OpenGap Inspirational Hostel (2020), com o projecto “Terraced Vineyards Hostel”. Erasmus na Faculdade Técnica de Munique (2019-20), aluna do Krucker Bates Studio – Arquitectos Stephen Bates e Bruno Krucker. Colaboradora Arquitecta no Atelier Pedro Domingos Arquitectos desde janeiro de 2021.

Carolina Pescatori, Professora Adjunta do Departamento de Projeto, Expressão e Representação e do Programa de Pós Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília (PPG-FAU/UnB) como orientadora de mestrado e doutorado. Arquiteta e Urbanista pela UnB, com intercâmbio na Pennsylvania State University (PSU/EUA) como bolsista da Capes. Mestre em Arquitetura da Paisagem com concentração em Desenho Urbano e Planejamento Urbano pela PSU/EUA, com bolsa pela própria PSU, tendo recebido o prêmio Alma Heinz (2006) e Academic Honors of The American Society of Landscape Architects (2007). Doutora pelo PPG-FAU/UnB em Teoria e História da Cidade e do Urbanismo, com tese sobre a atuação de empresas urbanizadoras e o processo de dispersão urbana; menção honrosa no I Prêmio Rodrigo

Simões de Teses de Doutorado - ANPUR (2017). Líder do grupo de pesquisa Topos - Paisagem, Planejamento e Projeto e pesquisadora do Grupo de Pesquisa em História do Urbanismo e da Cidade (GPHUC/CNPq-UnB) e do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre Cidade (CIEC/Unicamp). Integrante da diretoria da ANPUR (2019-2021) e do IAB-DF (2017-2019), como coordenadora da Comissão de Política Urbana. Pesquisadora do Amar.é.linha - grupo de estudos feministas em Arquitetura e Urbanismo. Editora da Revista Paranoá: Cadernos de Arquitetura e Urbanismo (2020-atual). Pós-doutorado no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (CES-UC), em Portugal, com pesquisa sobre as relações sociais na cidade dispersa (2021-2022). Seus interesses de pesquisa incluem dispersão urbana e processos contemporâneos de urbanização; paisagem urbana; história do Urbanismo e da cidade; feminismo e cidade. É co-autora do livro Cidade Pós-compacta: estratégias de projeto a partir de Brasília (Ed. RioBooks, 2021).

Catia Conserva, Arquiteta pela Universidade de Brasília (1984) com mestrado em Arquitetura e Urbanismo. Analista de Planejamento Urbano e Infraestrutura do Governo do Distrito Federal, Brasil. Integrante do grupo de pesquisa Capital e Periferia (CNPq/UnB). Autora do livro "Águas Urbanas: expansão do território e drenagem na Serrinha do Paranoá-DF"(Editora Autografia, 2020).

Clara Mosquera-Pérez, Doctora en Arquitectura y en Historia del Arte por las universidades de Sevilla y Paris 1 Panthéon-Sorbonne (2022). Arquitecta (2015) y Máster Universitario en Arquitectura y Patrimonio Histórico (2016, Premio extraordinario) por la Universidad de Sevilla. Su trabajo investigador se inscribe en el ámbito de los museos y el patrimonio, siendo miembro del Consejo Internacional de Museos (ICOM – Comité español). Ha realizado tres estancias de investigación en el centro HiCSA – Histoire Culturelle et Sociale des Arts (Paris). Pertenece al Grupo de Investigación HUM-700 Patrimonio y desarrollo urbano-territorial en Andalucía, con el que ha colaborado en el desarrollo de proyectos i+D nacionales, así como contratos de transferencia con empresas y redacción de informes técnicos para administraciones. Cuenta con experiencia en los sectores público y privado tanto en Francia como en España. Ha trabajado en la Universidad de Sevilla como docente e investigadora, primero como contratada predoctoral (2017-2021) y posteriormente como profesora sustituta interina (2023), adscrita al Departamento de Historia, Teoría y Composición Arquitectónicas. Inició su carrera profesional trabajando en estudios de arquitectura internacionales en París (Dominique Perrault Architecture) y Sevilla (MGM Morales de Giles Arquitectos), realizando proyectos y concursos de arquitectura de gran envergadura.

Clarissa Maroneze Garcia, Arquiteta e Urbanista (Unifra-2010), Especialista em Produção Civil (PUCRS-2012), Mestra em Planejamento Urbano e Regional (PROPUR/UFRGS-2017), sob orientação da professora Dra. Celia Ferraz de Souza, e Doutora em Planejamento Urbano e Regional (PROPUR/UFRGS-2023), sob orientação da professora Dra. Daniela Marzola Fialho. Foi bolsista da CAPES de 2015 a 2017 e de 2018 a 2021, trabalhando com pesquisas na área da História do Urbanismo, principalmente nos seguintes temas: história urbana, história das cidades, cartografia urbana e planejamento urbano. De 2021 até os dias atuais é 2ª Tenente Arquiteta da Força Aérea Brasileira (FAB), parte do Quadro de Oficiais Convocados (QOCON), atuando no Destacamento de Infraestrutura da Aeronáutica de Canoas (DTINFRA-CO), na Subseção de Estudos e Projetos (SSEP), realizando projetos para edificações militares para a região Sul do Brasil.

Cláudia Costa Cabral, Possui graduação em Arquitetura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1983), mestrado em Arquitetura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1996) e doutorado em Teoria e História da Arquitetura - Universitat Politecnica de Catalunya (ETSAB, UPC, 2001). Professora Titular do Departamento de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, atuando na graduação e na pós-graduação; pesquisadora nível 1C do CNPq, líder do Grupo de Pesquisa Estudos de Arquitetura Moderna Latino-americana. Membro do comitê CNPq CA-SA (nov.2018-jun.2021). Tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase em projeto, teoria, história e crítica de arquitetura, atuando principalmente nos seguintes temas: arquitetura moderna latino-americana, arquitetura do pós-guerra aos anos setenta, continuidade e crítica da modernidade, relações entre cultura arquitetônica, arte e tecnologia. Foi Coordenadora Geral de Documomo Brasil no biênio 2012-2013. Foi coordenadora do Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, PROPAR-UFRGS (2009-2012; 2015-2018).

Claudio R. Comas Brandão, Arquiteto e Urbanista formado pela Universidade de Brasília - UnB (1997) e mestre em Arquitetura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ (2019). Tem especialização em Desenho Industrial pela Scuola Politecnica di Design de Milão, Itália (1998). Tem experiência em projetos de Arquitetura, com ênfase em Projeto de Interiores e Design de Mobiliário. Integrou a equipe do escritório Park Associati de Milão entre 2000 e 2004. Trabalha com projetos de reforma e de design de mobiliário no Rio de Janeiro. Foi professor substituto no Departamento de Projeto de Arquitetura na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU / UFRJ) de 2014 a 2016 e de 2019 a 2021. Atualmente cursa o doutorado em arquitetura na Universidade Federal do Rio de Janeiro pelo Programa de Pós-graduação em Arquitetura - PROARQ. Sua pesquisa está inserida no projeto “Arquitetura e arquitetos brasileiros - séculos XIX e XX” que faz parte da área "Patrimônio, teoria e crítica da arquitetura" e da linha de pesquisa “Teoria e ensino de arquitetura”. É bolsista da Capes.

Daniela Marzola Fialho, Arquiteta e Urbanista (UFRGS - 1989), Mestrado em Planejamento Urbano e Regional pelo PROPUR/UFRGS (1999). Doutora em História pela PPG-História (UFRGS -2010). Estágio de doutoramento no exterior com bolsa da CAPES -PDDE- (2006-2007) na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), Paris, França. Foi Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional (PROPUR/UFRGS) com mandato de 26/11/2013 a 31/03/2016. Realizou Pós-Doc (2018-2019) junto a EHESS, sob a orientação do Prof. Dr. Jacques Leenhardt. Atualmente é Professora Associada 3 na Faculdade de Arquitetura e no Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional (PROPUR) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Membro pesquisadora e Coordenadora da Mapoteca do Instituto Histórico do Rio Grande do Sul (IHGRGS). Tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase em História do Urbanismo, atuando principalmente nos seguintes temas: história urbana, história da cartografia, cartografia urbana, planejamento urbano, patrimônio cultural, políticas públicas, arquitetura e política sindical.

Décio Otoni de Almeida é arquiteto, formado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU USP) em 1998. Em 2015, concluiu um mestrado sobre as relações entre a arte minimalista e a arquitetura dos anos 1980 e 1990, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Desde 2020, dedica-se na FAU UPM a uma pesquisa de doutoramento sobre a arquitetura residencial paulista dos anos 1950 e 1960, com bolsa da CAPES.

Desidério Batista, Licenciatura em Arquitetura Paisagista e Mestrado em Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico pela Universidade de Évora. Concluiu o Doutoramento em Artes e Técnicas da Paisagem pela Universidade de Évora em 2009. É Professor Auxiliar na Universidade do Algarve onde ensina nos distintos ciclos de estudo de Arquitetura Paisagista e Estudos do Património; Investigador Integrado no CHAIA/UE - Centro de História da Arte e Investigação Artística da Universidade de Évora; e investigador colaborador do CEAACP e do Cidadhis/UFSC (Brasil). Investiga e publica sobre temas da paisagem e do património com várias dezenas de publicações em revistas, especializadas, capítulos de livros e atas de congressos. Integra os conselhos editoriais e/ou científicos das revistas *Gardens & Landscapes of Portugal* (De Gruyter) e *LIT&TOUR* (CIAC), e é revisor em revistas nacionais e internacionais. Orientou dissertações de mestrado (20) e de doutoramento (2), e trabalhos de pós-doutoramento (2) nas áreas de Artes, Ciências Sociais e Ciências da Terra e do Ambiente. Tem integrado com frequência júris de provas de doutoramento em distintas Universidades portuguesas. Coordena e/ou integra Projetos de Investigação nacionais e internacionais. Atualmente é Diretor do Curso de Licenciatura em Arquitetura Paisagista da Universidade do Algarve.

Fabiana Andrade Bernardes Almeida, possui graduação em Turismo (2001) e incompleta em Geografia, mestrado (2005) e doutorado (2017) em Geografia, com ênfase em Organização do Espaço, pelo Programa de Pós graduação em Geografia do Instituto de Geociências (IGC) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). É Professora Adjunta do Departamento de Geografia do IGC/ UFMG. Atua no ensino, pesquisa e extensão com as seguintes linhas: Teoria e Método; Viagem, Lazer e Experiência; Espaço, Sociedade e Turismo. Tem experiência nas áreas de turismo e organização do espaço, com ênfase nas interfaces entre políticas públicas, espaço urbano, lazer e turismo. Atua na pesquisa e extensão com projetos de turismo de base comunitária e bem viver em territórios tradicionais e de resistência.

Fabio de Almeida, Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade do Vale do Paraíba (1998) e Mestrado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2004), onde atualmente cursa o doutorado. É professor e coordenador do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade do Vale do Paraíba. Atua nas seguintes áreas: projeto de edificações, conservação, restauração e difusão de bens arquitetônicos e culturais, computação gráfica, tecnologias digitais e inventários de preservação.

Fábio Vergara Cerqueira é historiador e arqueólogo, doutor em Antropologia Social (USP), com concentração em Arqueologia Clássica. Professor Titular do Departamento de História e Professor Permanente dos Programas de Pós-Graduação em História e em Memória Social e Patrimônio Cultural. Pesquisador CNPq PQ-1d em Arqueologia Histórica e *Research-Fellow* da Humboldt-Foundation, Alemanha. Professor Visitante do Instituto de Arqueologia Clássica da Universidade de Heidelberg, Alemanha, e Pesquisador Residente da École Française de Rome em 2022. Realizou estágios pós-doutorais em Atenas, Heidelberg, Nápoles, Roma e Rio de Janeiro. Coordenador do Laboratório de Estudos sobre a Cerâmica Antiga e do Circuito de Museus das Sessa dos Tapetes, Pelotas. Publica sobre temas variados, relativos à Antiguidade clássica e ao Patrimônio Cultural.

Filipe Lacerda Neto estudou arquitetura na Universidade da Beira Interior (UBI), na Universidade de Lisboa (FA-UL), e na Universidade Politécnica de Madrid (ETSAM-UPM), onde terminou o “Máster en Proyectos Arquitectónicos Avanzados”. Ao longo dos anos de docência, tem efetuado um trabalho paralelo de investigação centrado na evolução e transformação do espaço doméstico, e na análise da obra de Álvaro Siza e a sua relação com o desenvolvimento do Racionalismo no século XX na Europa Ocidental. É autor e co-autor de vários ensaios, artigos, textos críticos e científicos. Proferiu conferências nacionais e internacionais. Trabalhou em Portugal, Espanha, Polónia, Brasil e México, colaborando em numerosos projetos de arquitetura e urbanismo. Professor visitante e crítico convidado em várias universidades estrangeiras: Escuela Técnica Superior de Edificación da Universidade Politécnica de Madrid, Espanha (ETSEM-UPM, 2016); Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, Brasil (FAU-UPM, 2017); Faculdade de Arquitetura da Gdansk University of Technology, Gdansk, Polónia (WA-GUT, 2018); Escuela Técnica Superior de Arquitectura da Universidade de Valladolid, Espanha (ETSAVa, 2019); e na Faculty of Science and Technology da Universidade de Biskra, Argélia (FST, 2019). Foi professor assistente na Escuela Técnica Superior de Arquitectura da Universidade Politécnica de Madrid (ETSAM-UPM) entre 2015 e 2017 e professor assistente convidado no Departamento de Engenharia Civil e Arquitetura (DECA) da Universidade da Beira Interior UBI) entre 2014 e 2021. Atualmente é bolseiro de investigação na Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT) da Universidade do Algarve (UAlg), onde se encontra a desenvolver o projeto ‘INCULTUM – Visiting the margins: INnovative CULTural ToUrisM in European peripheries (<https://incultum.eu>)’. É membro colaborador do Centro de Investigação em Arquitetura, Urbanismo e Design (CIAUD-UBI), e desenvolve atividade em regime profissional liberal.

Gabriel Victor Martins de Campos, possui graduação em Turismo pelo Instituto de Geociências (IGC) da Universidade Federal de Minas Gerais (2015), mestrado em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design da Universidade Federal de Uberlândia (2021), graduando em licenciatura em Geografia pelo IGC. Tem interesse nos diversos temas que envolvem turismo, lazer, produção do espaço urbano, direito à cidade e manifestações populares.

Gustavo Borges Corrêa (n.1978, Rio de Janeiro). *PhD candidate* do Instituto de História da Arte da FCSH - Universidade NOVA de Lisboa, desenvolvendo o projecto de investigação intitulado “Os cinemas lisboetas e cariocas: um caso Art Déco”, financiado por bolsa individual da FCT. Mestre em Artes pelo PPGARTES UERJ – Programa de Pós-graduação em Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2009). Os seus interesses de investigação são os estilos arquitectónicos dos séculos XIX e XX (com ênfase no estilo Art Déco), história do cinema e da moda, cultura popular e os processos de urbanização de Lisboa e do Rio de Janeiro na primeira metade do século XX.

Hugo Martins, é estudante de arquitetura na Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra, onde se encontra atualmente a realizar uma dissertação de mestrado sobre o tema da paisagem e da influência que nela exerceram os aparelhos de irrigação tradicionais. No ano letivo 2020-2021 foi premiado, entrando para o Quadro de Mérito UC.

Joana Robalo, participa em diversos seminários e concursos, tendo integrado a equipa vencedora (com Miguel Pedro, João Umbelino, Ana Ázar e António Lopes) do Prémio Regional da Europa Ocidental do International VELUX Award 2018, com o projecto Reaching the Light na categoria Daylight in Buildings. Participou no VIII Seminário de Investigação, Ensino e Difusão do Laboratório Colaborativo com o artigo Contributos para o estudo dos Estabelecimentos Prisionais em Portugal.

João Alves da Cunha é arquiteto pela FAUL (1997) e Mestre em Reabilitação da Arquitetura e Núcleos Urbanos pela mesma faculdade (2003). É Doutor em História da Arquitetura na FAUL (2014) com a tese “MRAR - Movimento de Renovação da Arte Religiosa e os anos de ouro da Arquitectura Religiosa em Portugal no século XX”, sob a orientação dos arquitetos José Manuel Fernandes e Nuno Teotónio Pereira, trabalho distinguido pela FAUL com o Prémio Professor Manuel Tainha, correspondente à melhor tese de Doutoramento em Arquitetura nos anos 2013-2014. É conferencista e autor de diversos artigos na área da arquitetura religiosa. Tem organizado, desde 2010, encontros e exposições de arquitetura e de arquitetura religiosa. É membro da equipa de arquitetura do Secretariado Nacional da Pastoral da Cultura e investigador do Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa.

João Branco Pedro é Investigador Principal do LNEC e Chefe do Núcleo de Estudos Urbanos e Territoriais. Possui Licenciatura em Arquitetura pela Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa (1994), Doutoramento em Arquitetura pela Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto (2001) e realizou estágio de Pós-Doutoramento na TUDelft (2008). Ingressou no LNEC em 1994, onde tem participado em projetos de investigação científica e trabalhos de consultoria para entidades externas. Também participou em grupos de trabalho de apoio à produção e revisão de regulamentação técnica da construção portuguesa. Divulgou os resultados da sua atividade em publicações, comunicações e cursos em Portugal e no Brasil. Regulamentarmente, participa em júris provas académicas, faz parte de comissões científicas de encontros e revê manuscritos submetidos a revistas científicas na sua área de especialização. O seu principal domínio de investigação é a habitação, em particular nas áreas da formulação da qualidade, dos métodos de avaliação da qualidade, da avaliação do estado da conservação, e da organização e aplicação da regulamentação técnica da construção. Lecionou em cursos de doutoramento da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (2005-2010) e da Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa (2018-2019). Desempenhou funções em Gabinetes de Secretários de Estado com a tutela da política de habitação e reabilitação (2016-2019).

José Daniel Craidy Simões, graduado em Arquitetura e Urbanismo pela UNISINOS (2005). Especialista em Perícias e Avaliações de Bens pela PUCRS (2009). Mestre (2019) e doutorando em Planeamento Urbano e Regional no PROPUR/UFRGS. Integra o Grupo de Estudos e Documentação em Urbanismo (GEDURB/UFRGS). É membro efetivo do Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (ICOMOS Brasil). Membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRGS) o qual representa junto ao Conselho do Patrimônio Histórico-cultural de Porto Alegre (COMPHAC). É conselheiro (2020-2023) no Conselho de arquitetura e urbanismo (CAU/RS), onde integra a Comissão Especial de patrimônio Cultural (CPC). Recentemente passou a integrar a Câmara Temática de Patrimônio do CAU/BR.

José Geraldo Simões Junior, Pós-doutorado em Urbanismo pela Technische Universität Wien - Austria (2010). Desde 2000 é professor-adjunto da FAU da Universidade Presbiteriana Mackenzie, onde exerceu o cargo de Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo - PPGAU (2001-2004), Coordenador Geral da Pós-Graduação (2004-2008) e novamente de Coordenador do PPGAU (2019-2021). Professor-convidado no curso de Doutorado em Urbanismo, na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa (entre 2004 e 2013). Pesquisador-visitante na área de Estudos Urbanos - Radboud University - Holanda (jul 2013). Visiting Professor - University of Hertfordshire, England (desde 2020). Em 2003, foi Diretor do Patrimônio Histórico de São Paulo (DPH) e Presidente de seu Conselho de Preservação (CONPRESP). Entre 2012 e 2016 foi membro do Conpresp, representando o IAB. É membro do ICOMOS-Brasil e da AIHU - Asociación Iberoamericana de Historia Urbana. Assessor científico da Capes, do CNPq, da Fapesp e do FCT-Portugal. Membro de Conselho Editorial dos periódicos Arquitectos e Cadernos de Pós-Graduação PPGAU-Mackenzie. Revisor dos periódicos Cadernos Metrópoles, Revista CPC-USP, Revista Risco, Revista REURBE, Revista Urbana, Editoras SESC, SENAC, UNESP e Imprensa Oficial. Membro do Conselho de Ética da Universidade Presbiteriana Mackenzie. (2016-2017) Bolsista Produtividade em Pesquisa pelo CNPq - desde 2006 - nível 1-C, em temas relacionados ao Urbanismo Brasileiro e o ideário internacional. Doutorado em Estruturas Ambientais Urbanas pela FAU / Universidade de São Paulo (1990-1995). Mestrado em Administração Pública e Planejamento Urbano pela Fundação Getúlio Vargas /Escola de Administração Pública/SP (1985-1990) Graduado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo 1978-1983). Áreas de atuação: História do Urbanismo, Projetos Urbanos, Patrimônio Cultural.

Livia Maria de Assis Moreira Siqueira, graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Fortaleza em 2015. Pós-graduada em Engenharia Clínica pela Universidade de Fortaleza em 2017, em Arquitetura de Hospitais Clínicas e Laboratório pelo Instituto Brasileiro de Educação Continuada (INBEC) em 2020 e em Engenharia e Manutenção Hospitalar pelo Instituto Brasileiro de Educação Continuada (INBEC), em 2021. Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Trabalhou como Tecnóloga em Construção Civil na SEINF, atuando como arquiteta atualmente na Coordenadoria Especial de Articulação das Secretarias Regionais de Fortaleza.

Mafalda Teixeira de Sampayo é uma arquiteta portuguesa que vive e trabalha em Lisboa, Portugal. Além do grau de Arquitetura pela Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, é mestre em Desenho Urbano sobre o tema "Um Urbano" Modelo de Tradição Muçulmana nas Cidades Portuguesas", tendo sido galardoado com o grau de Doutor em Arquitetura e Urbanismo sobre o tema da "A Forma Urbana no Rescaldo da destruição do terramoto de 1755 na baixa de Lisboa: análise da cartografia de 1756-1786). Recebeu vários prêmios e distinções ao longo da sua carreira, incluindo o EUROPAN 6 com um projeto de reabilitação de 74ac em Setúbal, Portugal. Atualmente é Professora do Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL) a investigar o tema de Morfologia Urbana do Espaço Público. Os seus principais interesses de investigação incluem Arquitetura, História, Estudos Medievais e Urbanismo Estudos.

Mara Raquel Rodrigues de Paula, licenciada em História pela Universidade Estadual de Goiás (2005), Mestre em História da Arte e do Patrimônio pela Universidade de Coimbra (2011) e Doutora em Estudos do Patrimônio da Faculdade de Letras da

Universidade do Porto (2023). Foi professora de Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo e História da Arte na UNIP (Brasília) e UniCEUB (Brasília). É professora efetiva da Secretaria de Educação do Estado de Goiás desde 1999.

Maria Antónia Vieira é uma arquiteta portuguesa que vive e trabalha São Miguel, Açores. Em 2014 entrou na Universidade dos Açores, e em 2019 concluiu o Mestrado Integrado em Arquitectura, no ISCTE – IUL com a tese “Uma tipologia de fachada na igreja micaelense (1728 -1882)” e “As novas Portas de Lisboa 2030: Camarate (Requalificação urbana em torno de novas centralidades)”, sob a orientação da Prof^ª. Doutora Mafalda Sampayo, do Prof. Paulo Miranda e da Prof^ª. Doutora Mónica Navarro. Foi presenteada com o Reconhecimento de Mérito Académico pelo ISTA com o ISTA TOP TALENT 2018-2019, e ainda com o Diploma de Mérito Académico e o Prémio de Excelência Académica de Finalista de Mestrado do ISCTE por ter concluído com distinção o Mestrado Integrado em Arquitectura no ano letivo 2018/2019. Iniciou o Doutoramento em Arquitetura dos Territórios Metropolitanos Contemporâneos no ISCTE – IUL, no âmbito da uma bolsa de doutoramento da FCT Fundação para a Ciência e Tecnologia, em 2021 sobre a temática da Arquitetura Religiosa dos Açores sobre a orientação da Prof^ª. Doutora Mafalda Sampayo, e do Prof^ª. Doutor João Alves da Cunha.

Maria Fernanda Derntl, Professora, pesquisadora e coordenadora do Programa de Pós-graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília. Coordenadora do grupo de pesquisa Capital e Periferia (CNPq/UnB). Bolsista produtividade do CNPq. Autora do livro Método e Arte: urbanização e formação de territórios na capitania de São Paulo, 1765-1811 (Alameda/Fapesp, 2013). Em 2021, foi contemplada com o X Prêmio Milton Santos da ANPUR pelo artigo Brasília e suas unidades rurais: planos e projetos para o território do Distrito Federal entre fins da década de 1950 e início da década de 1960 (Anais do Museu Paulista, 2020).

Maria Inês Rodrigues Franco (Lisboa, Portugal, 1997), licenciada em Arquitetura em 2019 pela Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa. Mestre em Arquitetura, especialização em Urbanismo desde 2022, com o trabalho final com o tema *ÍNSULA COVA DO VAPOR. construir o limite e habitar a ilha*. Maria Inês é estagiária no atelier de arquitetura Estúdio Urbano.

María Teresa Pérez Cano, Arquitecta por la Universidad de Sevilla, 1984. Premio extraordinario de Doctorado y Premio Focus-Abengoa por su tesis doctoral, 1993, en la actualidad es Catedrática de Urbanística y Ordenación del Territorio de la Universidad de Sevilla, segunda arquitecta española en llegar a ese grado académico. Su labor docente e investigadora se vincula al Urbanismo y el Territorio en relación con la construcción del Proyecto Patrimonial desde la integración de los distintos agentes que en él intervienen a lo largo del tiempo, en sus distintas escalas y niveles de complejidad. Directora del GI Hum700 Patrimonio y Desarrollo Urbano Territorial en Andalucía. Miembro del Instituto Universitario de Arquitectura y Ciencias de la Construcción (desde 1994). Ha sido directora de la Colección Arquitectura de la Editorial de la Universidad de Sevilla (2018-2022) obteniendo a su cargo el Sello de Calidad Editorial Internacional. Es además coordinadora académica del Máster en Arquitectura y Patrimonio Histórico (desde 1996) y de la Sede del Aula de la Experiencia de Mairena del Aljarafe de la Universidad de Sevilla (desde 2017). Miembro evaluador/experto de la ANECA en programas de acreditación de profesorado y/o evaluación de títulos, así como de diversas agencias autonómicas para la evaluación de títulos (MADRI+D desde 2017, ACCUEE desde 2016,

AQU desde 2012) y proyectos de investigación (ACSUCyL, desde 2014). Imparte docencia en múltiples másteres de especialización, habiendo dirigido 33 tesis doctorales, en su mayoría, docentes de otras universidades españolas, del ámbito internacional (Portugal, Italia, Chile, México o Brasil) o instituciones de prestigio como DOCOMOMO ibérico o el Instituto Andaluz de Patrimonio Histórico. Ha formado a 9 becarios/contratados predoctorales de distintas convocatorias (FPU, FPI, PIF, DAAD-Alemania, FCT-Portugal, Fundação Gulbenkian) y a dos contratados posdoctorales del Plan Propio de la Universidad de Sevilla.

Mariana Alves Barbosa, Arquiteta e Urbanista graduada pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie (2017). Especializada pelo programa de pós-graduação *Latu Sensu* da Associação Escola da Cidade, no curso América: Geografia, Cidade e Arquitetura (2020). Mestranda pelo programa de pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2023), onde desenvolve a pesquisa “Arquitetas e arquiteturas em panoramas latino-americanos”, com apoio da agência de financiamento Mackpesquisa (Fundo Mackenzie de Pesquisa). Integra o projeto de extensão *Processos de Projeto de Arquitetas Contemporâneas*, do PPGAU Mackenzie, coordenado pela Profa. Dra. Ana Gabriela Godinho Lima, com quem organiza o ciclo de eventos “Conversas Latino-americanas”, que recebe arquitetas centro-sul-americanas. É idealizadora e co-fundadora do Coletivo ARQTETATLAS, que investiga e debate projetos contemporâneos concebidos por arquitetas latino-americanas, desde 2018. Foi responsável pelo Comitê de Seleção de Obras da Premiação IABsp 2021 – Edição do Centenário. Foi coordenadora Técnica adjunta da Premiação IABsp 2022. Integra a atual Diretoria de Formação e Difusão (2023-2025) como coordenadora da Plataforma de Cursos do IABsp.

Mariana Cortes Dutra é artista visual, formada pela Universidade Federal de Uberlândia em 2019. Atualmente, mestranda na linha de pesquisa “Cidade e Patrimônio: perspectivas e prospectivas” do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUeD-UFU, desenvolvendo uma pesquisa sobre as relações entre cultura, território e identidade. Como artista, tem trabalhos em dança, fotografia e ilustração. Em 2022, publicou o livro-imagem *Cidade Quimérica* cuja proposta foi aprovada pelo Programa Municipal de Incentivo à Cultura de Uberlândia-MG. Ainda, nessa cidade, em 2023, realizou, na Galeria de Arte Ido Finotti, sua primeira exposição individual intitulada *casí Maria*, com curadoria de Maria Carolina Boaventura. Desde 2020, integra o grupo de pesquisa “O Espaço Delas” do Instituto de Artes Visuais da Universidade Federal de Uberlândia.

Mario Guidoux Gonzaga, Arquiteto, mestre e doutorando pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Fundou em 2010 o 0E1 Arquitetos, pelo qual recebeu prêmios com destaque para menção honrosa no concurso para a sede da Fecomércio, em 2011, e terceiro prêmio no concurso para o pavilhão brasileiro na Expo Dubai 2020, em 2018. Obra construída inclui casas e edifícios – além de interiores residenciais e comerciais – e foi publicada em ArchDaily, Dezeen, Divisare e em livros e revistas internacionais. Recebeu em 2013 menção honrosa no Prêmio Opera Prima, publicou artigos em encontros internacionais como o Acadia, eCAADe, Sigradi, docomo.mo, Arquisur; revistas como a chilena *Arquitecturas del Sur* (A1); em 2020 foi convidado para participar do livro *El Brasil y el Movimiento Moderno en América Latina*, publicado pela UFBA. Atuou como professor substituto na Faculdade de Arquitetura da UFRGS em duas oportunidades: em 2017 e a partir de 2021.

Marta Cristina F. B. Guimarães, Doutoranda, bolsista Capes/PROEX, do Programa de Pós-graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PROARQ/UFRJ) na linha de pesquisa Restauração e Gestão do Patrimônio e também colaboradora do Grupo de Pesquisa LabLugares, sob orientação da prof. Dra. Ana M. G. Albano Amora. É Arquiteta e Urbanista formada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2009), possui especialização em Gestão de Projeto de Restauração pela Universidade Estácio de Sá (2013) e mestrado em Arquitetura pelo PROARQ/UFRJ (2016), na linha de pesquisa de Gestão e Preservação de Espaços Preservado, com bolsa da Capes. Tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase em Conservação e Restauração de Patrimônio Arquitetônico.

Marta Miret Rodríguez, Arquitecta Superior por la Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona (ETSAB) de la Universidad Politécnica de Cataluña (UPC). Doctoranda de la Universidad de Zaragoza (UNIZAR). Está colegiada en el Colegio Oficial de Arquitectos de Aragón y Vasco Navarro (COAA y COAVN). Lleva 14 años de profesión liberal, ejerciendo en Aragón, Catalunya y País Vasco. Ha trabajado como *retail* con HMY como arquitecta project manager, compaginándolo con su estudio Miret Arquitectos. Durante los 5 años de retail trabajó por toda Europa enriqueciendo su mirada cosmopolita en la relación con el otro. Ha construido proyectos de interés y reconocimiento internacional como el edificio de viviendas en cooperativa de Bilbao. Participa en el Grupo GIRAS (Grup Internacional de Recerca en Arquitectura i Societat). Ha escrito los libros *Pandemia y confinamiento mirado por los ojos de una arquitecta* en 2020 y *Los estragos de la guerra: Mi sentido relato* en 2022. Ambos traducidos al inglés.

Marta Vicente, Arquiteta, licenciada em estudos arquitetónicos e mestre em arquitetura pela Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa. Ao longo do seu percurso académico e profissional colaborou com *ateliers* de arquitetura e em 2016 iniciou a sua colaboração no Núcleo de Estudos Urbanos e Territoriais do Departamento de Edifícios do LNEC, onde desenvolve a sua atividade de investigação até aos dias de hoje. Atualmente, encontra-se também a desenvolver a sua investigação de doutoramento intitulada “Culturas de reabilitação de edifícios antigos (1980-2020). O caso do eixo Cais do Sodré – Rato”.

Matilde Aleixo (Lisboa, 1998) Realizou o Mestrado Integrado de Arquitetura no Instituto Superior Técnico (IST- UL, 2016-2022). Participou no programa Erasmus, em 2020-2021, na Technische Universität München (TUM), em Munique, na Alemanha. Em 2022, completou a Dissertação de Mestrado “À descoberta do Espaço: Estudo do Espaço Arquitetónico através da Pintura de Vieira da Silva”. Ao longo do percurso escolar, participou em atividades ligadas com a Arquitetura e as Artes, participando, em 2017, no Porto Academy; em 2019, no Open House Lisboa; e em 2022, na exposição “Arquitecturas de imagem/imagens de arquitectura” no INSTITUTO, no Porto, em Portugal. Tem vindo a realizar estágios em diversos escritórios de Arquitetura, como João Tiago Aguiar, Francisco Aires Mateus, Promontório e Aspa. Atualmente ocupa o cargo de estagiária no Oxid Architektur GmbH, em Zurique, na Suíça.

Miguel Reimão Costa, é professor na Universidade do Algarve, onde leciona nos diversos níveis de ensino da Arquitetura Paisagista e de Estudos de Património. É arquiteto e doutorado pela Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, tendo estudado em Nápoles e Sevilha. Enquanto arquiteto trabalhou no Porto, Macau, Nova Iorque e Faro, onde recebeu o Prémio Municipal de Arquitetura em 2017. Foi

coordenador do Gabinete Técnico de Apoio às Aldeias do Algarve do Sotavento. É Investigador do Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património (CEAACP), membro da direção do Campo Arqueológico de Mértola e membro perito da Comissão Científica Internacional para a Arquitetura Vernácula (Icomos-Ciav). Entre 2005 e 2009 desenvolveu a sua investigação de doutoramento, na qualidade de bolseiro da FCT, sobre a arquitetura tradicional, combinando o levantamento e desenho de inúmeras casas e montes da serra do Algarve com o trabalho junto das comunidades. Teve a oportunidade, depois, de aprofundar esta metodologia noutras geografias, distinguindo-se a coordenação do projeto de investigação sobre a vila e o termo de Mértola. A partir de 2014 investiga sobre a arquitetura e a paisagem no Magrebe, com trabalho de campo no Rif, Médio e Alto Atlas, Anti-Atlas e vales pré-saarianos em Marrocos, Djebel Dahar e ilha de Djerba na Tunísia. Desde 2020, a convite dos seus colegas arqueólogos do CEAACP, tem também realizado trabalho de campo no Curdistão Iraquiano, no âmbito do projeto internacional arqueológico de Kani Shaie. Autor ou coordenador entre outras das publicações “Cidade Participada: Arquitetura e Democracia. Operações SAAL Algarve” (Tinta da China), “Platibandas do Algarve” (Argumentum), “Mértola. Arquitetura tradicional da vila e do termo” (CAM), “Casas e montes da Serra entre as extremas do Alentejo e do Algarve” (Afrontamento), “O Algarve visto do céu” (Argumentum), “Património rural construído do Baixo Guadiana” (Odiana).

Nuno Lopes, Mestre em arquitetura pela Escola de Artes da Universidade de Évora e pelo Politecnico di Milano (2010) e Doutor em Patrimónios de Influência Portuguesa, especialização em arquitetura e urbanismo, do Instituto de Investigação Interdisciplinar [III] e do Centro de Estudos Sociais [CES] da Universidade de Coimbra [UC] (2017). Após experiências profissionais nos atelieres RCR Architects (Pritzker Prize 2017) e AV62 Arquitectos, tornou-se investigador no CES (2015-2020) e na Cátedra UNESCO em Diálogo Intercultural em Patrimónios de Influência Portuguesa (desde 2018), acumulando, tal como do seu programa de doutoramento homónimo, funções de coordenador executivo (www.patrimonios.pt). Professor Convidado no Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra (desde 2018) nas unidades curriculares de Urbanismo, Seminário de Investigação em Arquitetura, Laboratório de Projeto e História da Arquitetura Portuguesa. Além da atividade como arquiteto e docente, tem dedicado os seus interesses de investigação a: Património, Urbanismo, Desenvolvimento Sustentável, Planeamento Estratégico e Economia Criativa, âmbitos nos quais tem sido orientador pedagógico e científico, júri de graus académicos e revisor por pares de artigos científicos, tendo produzido, editado e organizado publicações, ações de cooperação e encontros científicos em Portugal, Cabo Verde, Índia e Moçambique. (cienciavita ID: 0C1B-9854-B425).

Paula André, é doutorada em Arquitectura pelo Iscte-Instituto Universitário de Lisboa e mestre em História da Arte pela FCSH-UNL. Professora do Departamento de Arquitectura e Urbanismo do Iscte -Instituto Universitário de Lisboa; directora do Doutoramento em Arquitectura dos Territórios Metropolitanos Contemporâneos, onde coordena o Núcleo de Investigação Arquitectura e Cultura Visual; directora do Mestrado em Arquitectura e Cultura Visual em Lisboa; docente do Mestrado Integrado em Arquitectura, e do Mestrado em Estudos e Gestão da Cultura. Membro da Comissão Científica e investigadora integrada do Dinâmia’cet-iscte, onde coordenou a Linha Temática “Imagens das Realizações Materiais” do Projecto FCT “Fotografia Impressa. Imagem e Propaganda em Portugal (1934-1974)”, e coordena o eixo “Embodying Estado Novo. Art, photography and ephemeral Architecture”, no Projecto FCT “Exportar

Portugal. A diplomacia cultural e as estratégias de rebranding do Estado Novo nos Estados Unidos (1933-1974)”. Coordena o “Laboratório Colaborativo Dinâmicas Urbanas, Património, Artes. Seminário de Investigação, Ensino e Difusão” em parceria com um conjunto de instituições e universidades portuguesas e estrangeiras. Membro do Comité Editorial da Revista “ARA”, editada pelo Grupo Museu/Património da Faculdade de Arquitectura e Urbanismo da Universidade de São Paulo e da Revista "Cidades, Comunidades e Territórios" editada pelo Dinâmia’cet-iscte. Membro da Asociación de Historiadores de la Arquitectura y el Urbanismo (AhAU). Investigadora colaboradora do Centro de História da Arte e Investigação Artística da Universidade de Évora - CHAIA-UE.

Paula Ribeiro Lobo, Professora Auxiliar Convidada no Departamento de História da Arte da FCSH-Universidade NOVA de Lisboa, e investigadora do Instituto de História da Arte (IHA). Doutorada em História da Arte Contemporânea (2017) pela mesma universidade, com a tese “O império de regresso ao cais. Imagem e imaginário colonial na arte portuguesa do século XX”, financiada por bolsa individual da FCT. Autora de vários artigos científicos apresentados em conferências nacionais e internacionais. Os seus interesses de investigação incluem a relação entre arte e poder nas ditaduras, interações da arte contemporânea com a memória e a história, diplomacia e transferências culturais, paisagem e pedagogias artísticas experimentais.

Paulo Simões Rodrigues, é Professor Associado do Departamento de História da Universidade da Universidade de Évora e Investigador Integrado do CHAIA – Centro de História da Arte e Investigação Artística da mesma universidade e do Laboratório Associado IN2PAST – Laboratório Associado para a Investigação e Inovação em Património, Arte, Sustentabilidade e Território. Doutorado em História da Arte, tem desenvolvido o seu trabalho de investigação nas áreas da História da Arte dos séculos XIX e XX, da Historiografia da Arte e da História e Teoria do Património. É membro da Cátedra UNESCO Fórum Universidade e Património (Universidade Técnica de Valencia, Espanha), da Associação de Estudos Críticos do Património (Universidade de Gotemburgo, Suécia) e da equipa editorial da revista MIDAS – Museus e Estudos Interdisciplinares. Coordena o programa doutoral HERITAS – Estudos de Património, que associa a Universidade de Évora e a Faculdade de Belas Artes de Lisboa.

Rafael Ferreira Costa, é doutorando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pelotas (PPGH-UFPel) e recebe apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. É bacharel e licenciado pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) – tendo concluído em 2015 e 2018, respectivamente – e mestre em História da Arte Portuguesa pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), concluído em 2017. Desenvolve pesquisas relativas à tratadística, à iconografia e à história da Ordem dos Frades Menores de São Francisco no Brasil, tendo como foco atual os estudos sobre a iconografia franciscana presente nos tetos dos conventos franciscanos do Nordeste.

Raimundo Bambó Naya (Huesca, 1975), Profesor Contratado Doctor en la Universidad de Zaragoza e investigador del Instituto de Patrimonio y Humanidades en la misma universidad. Ha sido profesor invitado en el TEC de Monterrey, el Politecnico di Milano, el IUAV di Venezia o la Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona. Pertenece al grupo de investigación “Paisajes Urbanos y Proyecto Contemporáneo” y es

Investigador Principal del proyecto I+D+i “Áreas estratégicas periurbanas en transformación. Retos eco-culturales en procesos de regeneración urbana en ciudades españolas”, financiado por el Ministerio de Ciencia e Innovación. Paralelamente, ha desarrollado su actividad profesional en IDOM. Su obra construida ha sido publicada en diferentes medios especializados nacionales e internacionales, por la que ha recibido diversos reconocimientos por la Bienal de Española de Arquitectura y Urbanismo, la Bienal de Arquitectura de Sao Paulo, la Bienal Europea de Paisaje, la Fundación Caja de Arquitectos, el Consejo Superior de Arquitectos de España, el Colegio Oficial de Arquitectos de Aragón o la Cátedra de Arquitectura Ricardo Magdalena de la Institución Fernando el Católico.

Ruth Verde Zein, é arquiteta (FAU USP, 1977), Mestre e Doutora (PROPAR-UFRGS, 2005), Prêmio CAPES de Teses 2006, Professora e Pesquisadora na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, Brasil. Membro da CICA, DOCOMOMO, SAH, EAHN. É autora de mais de uma dezena de livros e centenas de artigos sobre a arquitetura moderna brasileira e latino-americana.

Sérgio Barreiros Proença (Lisboa, Portugal, 1977), Arquitecto (FAUTL, 2001) e Mestre em Cultura Arquitectónica Moderna e Contemporânea (FAUTL, 2007). Foi bolseiro de doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, é Doutor em Urbanismo desde 2014 com a dissertação “*A diversidade da Rua na cidade de Lisboa. Morfologia e Morfogénese.*” defendida na Faculdade de Arquitectura, Universidade de Lisboa. Professor Auxiliar da Faculdade de Arquitectura, Universidade de Lisboa, actualmente lecciona disciplinas de Projecto no Mestrado Integrado em Arquitectura + Urbanismo e Cultura Urbana no Curso de Doutoramento em Urbanismo. É membro efectivo do CIAUD – Centro de Investigação em Arquitectura, Urbanismo e Design – e membro fundador do *formaurbis* LAB – grupo de investigação sobre a forma urbana. Tem sido orador convidado em aulas abertas e conferências em outras instituições como a *Academie van Bouwkunst, Amsterdamse Hogeschool voor de Kunsten, a École Supérieure d’Architecture de Paris - La Villette* ou a *Università IUAV di Venezia*. Coordena o projecto de investigação em curso *MAR – The Portuguese Atlantic Seashore Streets. Interpretative reading and Design in Climate Change context*, convergindo a investigação em Morfologia Urbana (*formaurbis* LAB / CIAUD / FAUL) e em Alterações Climáticas (*cE3c e IDL / FCiências.ID*) para construir um quadro de referência para a adaptação de frentes marginais urbanas aos efeitos da subida do nível do mar baseado na sua memória. Faz parte de comissões científicas internacionais, participa em seminários e publica artigos com regularidade sobre o tema da morfologia urbana e morfogénese, tendo a sua actividade académica e trabalhos em que participou sido reconhecidos por diferentes prémios. Desenvolveu actividade liberal como arquitecto, onde participou na elaboração de planos urbanísticos e projectos de arquitectura.

Sergio García-Pérez (Zaragoza, 1990), Profesor Ayudante Doctor en la Universidad de Zaragoza. Su investigación focaliza en la morfología urbana y el análisis de su calidad, considerando las posibilidades de regeneración en distintos tejidos y escalas (Ministerio de Economía y Competitividad, 2015-19; Ministerio de Universidades, 2022). Ha desarrollado actividad profesional en el despacho 300.000 Km/s (Premio Nacional de Urbanismo por el CSCAE en 2019), colaborando en proyectos relacionados con el análisis urbano, la vivienda y la regeneración urbana (2020-22). Ha realizado estancias de investigación en la Universidade do Porto (2018, 2022) y Université Paris I-Sorbonne (2019). Su investigación ha sido publicada en revistas como *Cities, Journal of Urban*

Affairs, Sustainable Cities and Society, ACE, Territorio, Science of the Total Environment o Zarch.

Sofia Aleixo, Arquitecta pela FA-UTLisboa, PhD pela *Oxford School of Architecture* com tese sobre conservação de património edificado e impacto nos valores culturais. Professora Associada do Departamento de Arquitectura – Escola de Artes, Universidade de Évora (desde 2002, onde prestou Provas de Aptidão Pedagógica). Orienta e é arguente de trabalhos de investigação. Docência na *Oxford School of Architecture*. Publicou diversos artigos em revistas especializadas, bem como capítulos de livros, e tem vários livros publicados. *Peer review* do *Journal of Cultural Heritage Management and Sustainable Development*. Convidada a participar em conferências nacionais/internacionais. Iniciou a sua actividade profissional com Arqt.º Victor Mestre, sendo sócia fundadora da vmsa arquitectos. Participa em exposições de arquitectura, e o trabalho do atelier foi reconhecido com diversos prémios e outras distinções, destacando-se o Prémio da União Europeia para o Património Cultural na Categoria de Conservação Europa Nostra Award 2013, e a seleção em identificação de Boas Práticas. Desenvolve atividade de investigação integrada na CHAM-SHLI, FCSH/UNL, sendo coordenadora da secção de Arquitectura no projeto “Revistas de ideias e cultura do século XX” desde 2017. É investigadora associada no CHAIA e no IHC-CEHCi, na Universidade de Évora.

Tais Ossani, Arquitecta e Urbanista pelo Centro Universitário Belas Artes (2013) e especialista em Arquitectura e Sustentabilidade pela mesma instituição (2015), com bolsa de estudos de melhor aluna. Mestre (2018) e Doutora (2022) pela Universidade Presbiteriana Mackenzie com bolsa Capes Print e Proex com período de mobilidade académica na Universidade Politécnica de Madrid (ETSAM) 1º/2021 - processo 88887.583996/2020-00. É professora do curso de Arquitectura e Urbanismo na Universidade Cruzeiro do Sul e atua desde 2016 com projetos de arquitectura empresa própria.

Tatiana Sampaio Ferraz, é artista e professora de escultura no Curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Uberlândia desde 2016. Formada em Artes Plásticas pela Unesp em 2000, paralelamente cursou Arquitectura e Urbanismo na FAAP (1996-1998) e na Escola da Cidade (2002-2007). É Mestre em História da Arte pela ECA-USP (2006), e Doutora em História e Fundamentos da Arquitectura e do Urbanismo pela FAU-USP (2018). Como artista, atua na interface entre arte, arquitectura e cidade, desenvolvendo trabalhos em instalação, escultura e objeto decantados principalmente de sua experiência urbana. Desde 2016 coordena o grupo de Pesquisa O Espaço Delas (Cnpq), sobre artistas mulheres do campo tridimensional. Desde 2019, é docente colaboradora do PPGAU-Faued-UFU.

Tiago Gouveia Mariano, é graduado em Arquitectura e Urbanismo pela Faculdade Damas (Recife, Brasil) e investigador integrado não doutorado do CHAIA – Centro de História da Arte e Investigação Artística da Universidade de Évora. Está neste momento a realizar o mestrado em Artes Visuais na Universidade Federal de Pernambuco e o Doutoramento em História da Arte na Universidade de Évora.

Vanessa Costa, aluna do 4ºano de Mestrado Integrado em Arquitectura na Universidade de Évora. Participa em várias conferências. Participou no concurso FUSE (Futuristic Urban Space Exploration) City Challenge 2022 Évora – Mobilidade Urbana, tendo integrado a equipa vencedora (com Rita Amaro e Jesus Olival) com o projeto Green

Roads in Évora. Participou no programa Estágios de Verão promovido pela Direção Regional de Juventude e Desporto, tendo estagiado no Atelier AA. Arquitectos no Funchal.

ORGANIZAÇÃO

